



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA



LAIS ROCHA SANTOS

CRENÇAS E VIVÊNCIAS DA INFIDELIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

São Cristóvão – Sergipe

2018

LAIS ROCHA SANTOS

CRENÇAS E VIVÊNCIAS DA INFIDELIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Elder Cerqueira-Santos

São Cristóvão – Sergipe

2018

LAIS ROCHA SANTOS

CRENÇAS E VIVÊNCIAS DA INFIDELIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em: ____/____/____.

Prof. Dr. Elder Cerqueira-Santos
Universidade Federal de Sergipe
Orientador

Prof. Dr. Eduardo Leal Cunha
Universidade Federal de Sergipe
Membro Interno

Profa. Dra. Normanda Araújo de Moraes
Universidade de Fortaleza
Membro Externo

Aos meus pais Luis e Marília
Por tudo, sempre.

AGRADECIMENTOS

É com um misto de emoções e grande alegria que percebo que o momento tão esperado chegou. Me dar conta de que encerro mais um ciclo, tão sonhado e desejado, que agora se torna realidade. Passei por muitas coisas nesses dois anos, foram tantos momentos felizes, desafios, conquistas, descobertas e surpresas. Houveram também momentos difíceis, de dúvidas, de lágrimas, de me sentir sozinha e pequena, diante de um universo tão novo e grandioso. Precisei buscar forças onde nem eu mesma sabia que eu tinha, pensei em desistir e deixar tudo para trás, eu precisei cair, para consegui me reerguer ainda mais forte. Eu me reergui tantas vezes. Eu faria tudo de novo. Obrigada Senhor, obrigada Nossa Senhora.

Eu não caminhei sozinha, muitas pessoas me ajudaram e sou extremamente grata a cada um que de algum modo, direta ou indiretamente colaborou para que hoje eu estivesse onde estou. Meu muito obrigada:

Aos meus pais, Luis e Marília. Eu não tenho palavras que sejam suficientes para expressar minha gratidão, por tudo que fizeram e fazem por mim.

Aos meus avós, Laura e José dos Santos, que partiram sem me ver concretizar essa realização, mas sei que hoje estão ao lado do Pai, intercedendo por mim e por nossa família.

Aos meus irmãos, Wesley, Isis, Islaine e Laiane. E aos meus sobrinhos Pedro e Maria, que a cada dia me fazem perceber que a minha família é o meu bem maior.

As minhas melhores amigas, Cristiane, Érica, Grasielle e Mônica. Vocês que estão sempre do meu lado, que vibram com as minhas vitórias como se fossem de vocês.

Ao meu orientador Elder. Ser humano de quem falo com o maior sorriso no rosto, com a maior admiração e respeito. Você foi sem dúvidas um presente em minha vida. Acreditou no meu potencial, me estimulou, soube me acolher quando eu precisei, me deu forças quando eu pensei em desistir, teve paciência como ninguém. Talvez você nem imagine, mas eu sempre me esforcei muito para estar à altura de ser sua orientanda, seus ensinamentos e tudo que vivi sob sua orientação eu levo para a vida. Você será sempre o meu orientador.

A minha orientadora de graduação Suzana Almeida Araújo, que me incentivou e muito me ajudou na construção do projeto inicial que deu origem a esta dissertação. Exemplo de profissional e ser humano em que sempre me inspirei.

Ao meu amigo Baruc Fontes, por ter me feito o convite que definitivamente iniciou toda essa jornada, lembro-me deste dia como se fosse hoje. Obrigada pela companhia nos estudos, por me incentivar e acreditar que eu seria capaz. Nós conseguimos.

As minhas colegas e companheiras de mestrado e estágio docência; Larissa, Marcela e Mariana. Por terem me ajudado a segurar as pontas no momento mais difícil da minha vida, vocês tiveram paciência, não me julgaram, me deram apoio. Admiro muito cada uma e sou grata pela oportunidade de ter dividido com vocês experiências tão especiais.

A Larissa Moura, que nos deixou tão precoce e inesperadamente. Espero que eu tenha conseguido demonstrar enquanto convivíamos juntas o quanto te admirava e torcia por você. Em muitos momentos você era um exemplo para mim. Obrigada pelas conversas, pelos momentos partilhados, pelo apoio e estímulo que você sempre me deu, nós dividimos muito e isso foi fundamental para mim e meu crescimento pessoal e espiritual.

Aos professores do PPGPSI da UFS com os quais tive o prazer e o privilégio de conviver nesse tempo. Me vi muitas vezes mergulhada num universo de conhecimento extraordinário, vivi a experiência do mestrado com um misto de admiração e respeito, principalmente em ter a oportunidade de conviver e aprender com mentes e sujeitos tão entusiastas do que fazem.

Aos meus colegas de turma, que vivenciaram comigo os desafios da vida de mestrandos, desde as discussões sempre tão enriquecedoras em sala de aula, até a partilha de experiências e sonhos, sempre tive muita admiração e respeito por todos, sem dúvidas engrandeceram toda essa experiência que levarei para sempre comigo.

Ao Prof. Dr. Eduardo Leal Cunha e a Profa. Dra. Normanda Araújo de Moraes, membros da minha Banca Examinadora, por terem aceitado meu convite para desempenhar este papel, dispondo de seu tempo e conhecimento para analisar o meu trabalho.

A Luana e sua equipe de apoio, sempre tão dispostos a me ajudar e com boa vontade nas consultorias, principalmente diante do desafio de me fazer entender o SPSS.

A CAPES pelo apoio financeiro tão importante ao decorrer deste caminho.

Aos profissionais que me acompanharam em períodos turbulentos, difíceis, onde todo pensamento me levava a crer que a conclusão e realização desse sonho, era apenas uma possibilidade distante e incerta. Dr. Carlos Henrique, que tão cedo se prontificou em me auxiliar e a não desistir dos meus objetivos. Dra. Silvia Costa, minha confidente, meu ombro e meu amparo, vocês me ajudaram a ver a minha realidade com outros olhos, a resignificar tudo aquilo que me travava, me impedia de ir em frente. Obrigada por me ajudarem a retomar a minha vida, a ter de volta a vontade de levantar todos os dias e ir em busca dos meus objetivos. Não foi fácil, mas sei que não estou sozinha nisso e que não importa o que seja ou aconteça, vai passar.

“Para todos que já tiveram um momento de fraqueza. Não vai doer para sempre, então não deixe isso afetar o que há de melhor em você”.

(J.A. Redmerski)

RESUMO

Santos, L. R. (2018). *Crenças e vivências da infidelidade na contemporaneidade* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe.

O objetivo geral deste trabalho foi realizar uma análise sobre como a infidelidade conjugal tem sido percebida, pesquisada e vivenciada no contexto contemporâneo. Para isso foram realizados três estudos. O Estudo 1 identificou de que forma o fenômeno vem sendo investigado no cenário científico nacional a partir de uma revisão integrativa da literatura. Percebeu-se que a temática é pouco investigada, as publicações analisadas versam mais sobre causas, repercussões e fenômenos atrelados, principalmente as questões emergentes do cenário contemporâneo. O Estudo 2 analisou quantitativamente como a infidelidade conjugal tem sido percebida e vivenciada nas relações contemporâneas, de forma *online*, por meio de questionário sociodemográfico, escalas e um inventário. O debate analisou também as proximidades e distanciamentos na questão dos gêneros em relação à prática, através das experiências infiéis e dos principais construtos relacionados à satisfação sexual e conjugal dos participantes. Questões importantes ligadas ao fenômeno da infidelidade foram observadas, com destaque para as questões atreladas à conjugalidade, aspectos ligados à satisfação sexual e conjugal, crenças prévias e pensamentos sobre o fenômeno e suas práticas, além da própria modernidade, seus reflexos nos relacionamentos e a questão do sexo facilitado. O Estudo 3 considerou as questões dos aspectos vivenciais atrelados ao fenômeno, na forma como se dão as crenças sobre a infidelidade, bem como a percepção e a vivência de sujeitos que viveram a infidelidade em seus relacionamentos. Foram 6 entrevistados e a partir de seus relatos foi possível perceber que o estabelecimento de causas e preditores é um caminho muito perigoso, diminuto, que acaba por reduzir a multiplicidade de questões e fatores envolvidos. Além disso, alguns pontos apresentaram-se bastante relevantes na discussão, como é o caso da satisfação, do contexto social e da forma como se dão as relações hoje, o mundo contemporâneo em sua multiplicidade de informações, estímulos e novas formas de se relacionar mediadas muitas vezes pelo meio virtual, que devem ser consideradas.

Palavras-chave: Infidelidade. Contemporaneidade. Relacionamentos.

ABSTRACT

The general aim of this paper is to analyze how Adultery has been felt, researched and lived in the contemporaneity. To do so, 3 studies were held. The study number 1 identified how this behavior has been investigated across the country by the national scientific communities by the use of a integrative review of literature. It was clear this subject is poorly investigated nationally, scientific journals report mostly about causes, repercussions and phenomena related to questions of the infidelity in the contemporaneity. The study number 2 analyzed quantitatively how the adultery has been realized and felt in the modern relationships; an online sociodemographic survey, scales and inventories were applied. The study also reported about proximity and distance between genders through infidelity experiences from main social constructs related to sexual satisfaction of married people. Important subjects linked to the adultery were reported, mainly the ones related to conjugality, sexuality, beliefs and thoughts about infidelity, marriage and the modernity itself which creates the possibility of having sex easily. The study number 3 reported about subjects related to adultery and the involved partners in such situation, plus the way which the infidelity is seen and felt in their relationships. Six people were interviewed and from their narratives it is possible to verify that setting up causes and predictors is a very dangerous path, which can reduce the multiplicity of involved factors. Beyond that it is relevant to discuss the satisfaction in the social environment and the way that relationships are made nowadays in the contemporaneity and its multiplicity of information, stimuli and new ways of relationships through the internet.

Keywords: infidelity; adultery; contemporaneity; relationships.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BVS-Psi	Biblioteca Virtual em Saúde
DP	Desvio Padrão
EARI	Escala de Atitudes em Relação à Infidelidade
ESC	Escala de Satisfação Conjugal
ESS	Escala de Satisfação Sexual
HIV	<i>Human Immunodeficiency Virus</i>
IHSC	Inventário de Habilidades Sociais Conjugais
<i>Max</i>	Máximo
<i>Min</i>	Mínimo
PEPsic	Periódico Eletrônico de Psicologia
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFS	Universidade Federal de Sergipe

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Informações sobre os participantes do estudo.....	72
--------------------------------------------------------------------	-----------

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Procedimentos realizados para inclusão e exclusão dos artigos	31
--------------------------------------------------------------------------------------	-----------

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Descritivas das informações sociodemográficas e das escalas	54
Tabela 2. Análise <i>a posteriori</i> de Tukey para as escalas e as variáveis traiu (G1), foi traído (G2), nunca traiu e nunca foi traído (G3) e traiu e foi traído (G4)	56
Tabela 3. Análise <i>a posteriori</i> de Tukey para os fatores do IHSC e as variáveis traiu (G1), foi traído (G2), nunca traiu e nunca foi traído (G3) e traiu e foi traído (G4)	57
Tabela 4. Correlação de <i>Pearson</i> entre as escalas e fatores do IHSC.....	63

SUMÁRIO

Apresentação.....	16
Estudo I: Revisão sistemática.....	25
Infidelidade: Uma revisão integrativa de publicações nacionais	25
Resumo	25
Abstract	26
Introdução.....	26
Método.....	29
Resultados e Discussão.....	31
<i>Considerações sobre a infidelidade</i>	<i>33</i>
<i>Relações e questões de gênero</i>	<i>34</i>
<i>Infidelidade e outros fenômenos</i>	<i>36</i>
<i>Infidelidade e possíveis consequências</i>	<i>40</i>
<i>A infidelidade e o conceito de relações líquidas</i>	<i>42</i>
Considerações Finais.....	43
Referências	44
Estudo II.....	47
Considerações sobre a infidelidade conjugal no contexto contemporâneo	47
Método.....	50
<i>Participantes</i>	<i>50</i>
<i>Instrumentos</i>	<i>50</i>
<i>Procedimentos de coleta de dados</i>	<i>52</i>
<i>Procedimentos de análise de dados</i>	<i>53</i>
<i>Aspectos éticos</i>	<i>53</i>
Resultados e Discussão.....	54
Considerações Finais.....	64
Referências	64
Estudo III	69
Relatos e experiências de infidelidade conjugal numa análise qualitativa	69
Método.....	72
Resultados e Discussão.....	74
<i>Questões de gênero e relações de poder</i>	<i>75</i>
<i>Questões culturais e sociedade atual</i>	<i>80</i>

<i>Resiliência e o seguir em frente</i>	86
Considerações Finais.....	89
Referências	92
Considerações Finais.....	97
Referências	100
Anexos	105
Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento	105
Anexo B – Entrevista sobre relacionamento que continuou após traição.....	106
Anexo C – Entrevista sobre relacionamento que terminou após traição.....	107
Anexo D – Questionário Sociodemográfico	108
Anexo E – Escala de Relacionamento Conjugal.....	109
Anexo F – Escala de Atitudes Frente à Infidelidade	110
Anexo G – Escala de Satisfação Sexual	111
Anexo H – Inventário de Habilidades Sociais Conjugais	112

Apresentação

A infidelidade conjugal é um fenômeno que fere e rompe com os ideais do amor romântico, do comprometimento e da exclusividade na relação, ou seja, significa um rompimento no contrato social majoritário que se estabelece quando duas pessoas iniciam um relacionamento nos modelos monogâmicos da cultura ocidental. Tal ato pode causar sofrimento no parceiro traído e as consequências psicológicas, sociais e pessoais são múltiplas, configurando-se como um tema pertinente e bastante comum na sociedade contemporânea e longe de ser algo desgastado ou antigo. A infidelidade pode ser definida como uma "violação das normas dos parceiros que regulam o nível emocional ou da intimidade física com pessoas fora do relacionamento" (Drigotas & Barta, 2001, p. 177).

Em termos acadêmicos, a infidelidade tem sido subdividida principalmente de duas formas, a sexual, através de qualquer carícia, contato sexual ou toque íntimo, e a infidelidade emocional, quando uma conexão inicial é estabelecida com um flerte, por exemplo, mas evolui para um apaixonamento, aproximação íntima e troca de confidências (Ahrndt, 2005; Glass, 2002). No entanto, a experiência infiel é muito subjetiva, um fenômeno múltiplo e perpetrado de características pessoais por quem o pratica e de quem o vive. Assim, sabe-se que as formas de nomear tal comportamento variam principalmente de acordo com as crenças de cada sujeito e pela forma como este encara a infidelidade, assim como pelo modelo de relacionamento estabelecido pelo par. Dessa forma, optou-se por utilizar tal nomenclatura neste corpo textual, por se entender que outros termos, tais como traição ou relacionamento extraconjugal, podem conferir ao fenômeno aqui analisado outro viés, que não o aqui debatido.

Em conformidade com essa decisão, aparecem os principais escritos, estudos e pesquisas dentro da literatura que se dedicam à investigação do tema, bem como utilizam o termo infidelidade (Almeida, 2012; Arent, 2009; Blow & Hartnett, 2005; Pittman, 1994).

Na sociedade contemporânea, principalmente na cultura ocidental ainda machista e sexista, a infidelidade é vista como reflexo de um sintoma da relação conjugal, ou seja, está para além do comportamento infiel de uma das partes ou falha individual, de caráter ou qualquer outra justificativa que se apregoe socialmente (Goldenberg, 2011; Mendonça, 2009). No entanto, a infidelidade só existe na relação; sem a figura do parceiro, do outro, a mesma não se dá, não se configura. Esse ‘outro’ desconhece toda a vida e história paralela que é criada por seu parceiro, atos, fatos e episódios de uma narrativa secreta, de um espetáculo sem plateia, onde o não-saber do outro e o perigo do flagrante são também pontos cruciais deste enredo (Cunha, 2004).

Ao analisar o fenômeno da infidelidade, se faz necessário que outras questões também sejam consideradas a priori, como a história dos relacionamentos, as mudanças ocorridas ao longo do tempo, a influência da modernidade nesse contexto e as teorias do amor no campo da psicologia. Muitas pesquisas têm destacado a influência de alguns quesitos nesse sentido, bem como das consequências no que tange ao comportamento infiel, sendo principalmente as mudanças e transformações sociais e culturais, do estilo de vida e das prioridades de cada um (Almeida, 2007; Donnamaria & Terzis, 2009; Féres-Carneiro, Ziviani, & Magalhães, 2011; Trindade, Almeida, & Rozendo, 2008; Zampiere, 2004). Hoje existe uma ênfase cada vez maior no comportamento individualista, os laços que unem e mantêm um casal numa relação já não são como antes (Duarte & Rocha-Coutinho, 2011; Ribeiro, 2010).

Parte-se do princípio de que para haver uma situação de infidelidade deve existir uma relação em questão. Esta se dará na forma de um acordo entre os envolvidos, caso este seja quebrado por uma das partes a traição vem à tona. No contexto do convívio social, as relações amorosas ganham destaque, pois conferem ao sujeito novos papéis, *status* e responsabilidades, além de envolverem algo que é primordial nesse sentido, que aparece como base para o relacionar-se com o outro: o amor.

Ao analisar mais profundamente os relacionamentos humanos é difícil não se chegar ao fenômeno do amor e suas múltiplas facetas. Ao longo do tempo, o mesmo tem se reinventado e sido vivenciado de formas diversas, onde fatores históricos, culturais e sociais têm grande peso nesse processo (Bauman, 2004; Giddens, 1993; Guedes & Assunção, 2006; Murstein, 1976). A contemporaneidade também é considerada um ponto chave para o entendimento do amor, pois parte-se do princípio de que existe uma dialogicidade, impetrada pelas mudanças e consequências da mesma no fenômeno.

O amor é considerado uma manifestação psicoafetiva, descrita (com controvérsias) desde o cerne da humanidade, que ao longo do tempo é influenciado pelas suas múltiplas interpretações e sentidos, foi se moldando e sendo adaptado às vivências e experiências pessoais, culturais e sociais. Nesse sentido, a temática ganha também um caráter mais sólido, atinge os patamares científicos e se torna objeto de estudo, principalmente nos Estados Unidos (Graham & Christiansen, 2009). No cenário nacional os estudos e publicações ainda são mais escassos (Cassepp-Borges, 2010), além de se aprofundarem prioritariamente nas discussões e associações à questão da satisfação conjugal nos relacionamentos amorosos (Andrade & Walcheke, 2011).

No entanto, será possível que a base das relações amorosas sejam as mesmas? Quanto a isso, Luhman (1991) afirma que não há razão para o amor acontecer, este só se torna possível quando incorporado num código social compartilhado por indivíduos que estão em relação. Isto é, mesmo diante desse conteúdo em comum, cada indivíduo incorpora e se influencia pelo seu contexto social de relações de uma forma única, subjetiva e que lhes assegura sua própria construção a partir das situações e dos outros. Nesse caso, as relações amorosas também seriam fruto dessa construção social que afeta a todos, mas de formas diferentes, baseadas na subjetividade de cada um.

Desde os períodos mais remotos, o ser humano descobriu que a vida em grupo lhe ofertaria algumas facilidades que viver isolado não permitia. Ao se perceber nesses grupos, o mesmo se fazia na relação com o outro: ao perceber sua linguagem, símbolos, sons e os gestos dos seus semelhantes, os reproduzia, buscava compreendê-los e dessa forma se construía e evoluía. Nesse sentido, é de grande importância compreender o processo de interação humana, o fenômeno entre dois indivíduos ou mais, quando a ação de um é direcionada como uma resposta a outro indivíduo e de certa forma uma espécie de gatilho para as suas ações, ou seja, as ações de um serão ao mesmo tempo um resultado e uma causa das ações do outro (Santos, 2010).

A questão dos relacionamentos entre os indivíduos é crucial para a vida em sociedade e organizada, pois são esses processos interativos que influenciam e constroem o conjunto de sistemas que a organizam. A forma como ocorrem tais relacionamentos definem a forma de convivência entre o indivíduo, que é um ser de relações, e deste com a natureza ao seu redor.

A relação seria o contato do humano com outros de sua espécie, a vida em conjunto, o ato de não viver sozinho e isolado. É nesse sentido que Guareschi (1996, p.82) apresenta as relações como uma “ordenação, um direcionamento intrínseco de uma coisa, em direção à outra, trata-se de um conceito que se aplica a uma realidade que não pode ser ela mesma, sem que haja uma outra coisa”. Nas relações sociais, não se pode entender uma relação de um único indivíduo, pois esta não existe, para haver a relação é necessário outro (ou outros).

Com o passar do tempo e mudanças nos modos de vida, impôs-se algumas alterações nos modelos sociais de relacionamento, principalmente com o intuito de perpetuar a propriedade do território pelos membros da família que o habitava. Dentro desta ótica, “surge a matrimonialização e a patrimonialização das relações sexuais, consistindo estas em adaptações introduzidas no ambiente familiar com o escopo de se atingir a garantia da hereditariedade e a manutenção dos territórios ocupados” (Quadros, 2004).

Já para Engels (1982), a monogamia foi a primeira forma de constituição familiar que não se baseou em condições naturais, mas sim em condições econômicas, no triunfo da propriedade privada sobre a propriedade primitiva, originada espontaneamente. Assim, se a monogamia virou a única forma de subsistência e de sobrevivência da espécie, segundo o autor a relação matrimonial foi consolidada a partir da ideia e prática da monogamia, pelo menos na teoria. Dessa forma, “o surgimento da monogamia nada mais é uma sujeição de um sexo pelo outro” (Engels, 1982, p. 86-87).

No entanto, é fácil perceber como esse modelo se mantém dominante e vigente até os dias de hoje, mesmo diante de tantas mudanças que a contemporaneidade acomoda. Segundo Rubin (1984), os discursos políticos, psicológicos e populares, ligados ao senso comum e a percepção geral das pessoas, ainda creditam à relação monogâmica o status de moralmente correta, se mostrando como única forma considerada natural do ser humano se relacionar. Pieper e Bauer (2005) cunharam o termo mononormatividade (*mononormativity*) justamente no sentido de relacionar tal prática relacional aos construtos da normatividade e naturalidade tão associados.

É sob esta perspectiva de poder e propriedade provenientes da monogamia que surge a ideia de patriarcado enquanto modelo familiar, o sexo feminino sobre o masculino, o chefe de família, chefe para a sociedade que mantém mulher e filhos enquanto suas vontades e poder (Bruschini, 1993; Freyre, 1990; Narvaz, 2005). Há, sob a existência de todo homem na sociedade, uma espécie de ‘ordem’ pré-estabelecida, um modelo de vida que seria pertinente a todo sujeito e a sociedade corrobora com isso quando de maneira geral influencia e exerce certa pressão para tal fim.

Faz parte desse contrato social a instituição do casamento, por exemplo, na forma de um rito de passagem. É esperado socialmente que as pessoas se casem, constituam famílias, estejam regidas e unidas perante a igreja e o Estado. O casamento seria uma forma de ir

contra a anomia dos indivíduos, sua função social é guiá-los para determinada ordem, sendo assim tão cobrado, desde os tempos mais remotos.

A aliança conjugal de que se trata muito mais do que uma simples união de dois sujeitos. Para Levi-Strauss (1968), essa aliança é uma das formas de intervenção do grupo sobre bens considerados escassos e essenciais para sua sobrevivência. Assim, é sempre um sistema de troca que encontramos na origem das regras do casamento, mesmo daqueles cuja aparente singularidade poderia justificar interpretações especiais. Com a proibição do incesto, torna-se clara a ideia de unir uma família com outra, desconhecido com desconhecido, propagando os ideais de que se compartilha.

A família não é uma instituição estática, visto que ela sofre influências que acabam ocasionando mudanças em sua estrutura, ajusta-se as novas exigências do meio. Ao pensar-se na família contemporânea, a compreensão de Singly (2000) parece bastante pertinente, quando versa sobre o fato de que é ela, ao mesmo tempo e paradoxalmente, relacional e individualista. Na luta entre esses dois paradigmas se constroem e se desfazem os laços familiares contemporâneos, surgem as novas configurações relacionais, onde cada sujeito busca encontrar uma alternativa que lhe permita ser livre ao mesmo tempo em que se é junto.

Se o casamento é uma instituição que se reestrutura ao longo do tempo, pode-se dizer que a sexualidade também segue na mesma ordem, pois se outrora era reprimida, proibida e tida como forma de contenção aos pudores do corpo, em outro momento passa a ser vista sob uma nova perspectiva, os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos dessa sexualidade. As mudanças que afetam casamento e sexualidade terão grande influência também perante a intimidade das pessoas e na construção social. Giddens (1993) faz uma análise sobre essa questão em sua obra 'A transformação da Intimidade'. Segundo o autor, as novas configurações relacionais são resultado de mudanças importantes ao longo do tempo, mas apresentam como base dois fatores principais, os princípios democráticos e a igualdade.

Hoje, a satisfação do sujeito e a forma como este encara sua relação tem grande relevância no sucesso da mesma e na sua felicidade pessoal. Mas segundo Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt e Sharlin (2004), a satisfação conjugal é algo maior e muito mais complexo, que compreende as mais diversas variáveis, além do caráter subjetivo de cada um, contexto social, cultural, entre outras questões.

Estaría implicado um mecanismo de mutualidade no que se refere a dar e a receber, como numa parceria de fato, pois um consegue atingir a satisfação das próprias necessidades, assim como corresponder às expectativas e desejos do outro de forma espontânea. As mudanças sociais influenciam diretamente os relacionamentos, sejam elas a nível macro ou microsocial. O que a sociedade espera de um relacionamento serve como base para que o sujeito avalie o seu próprio relacionamento, perceba se está ou não satisfeito com o mesmo e em quais níveis e instâncias. É também a partir dessa nova percepção que o casamento passa a ser algo que pode ser desfeito, a partir do momento em que um dos cônjuges não estiver satisfeito ou feliz na relação, esta é uma grande tendência da modernidade.

As relações acabam ganhando novas configurações, questões que eram consideradas importantes e cruciais hoje talvez já não sejam tanto. O amor nas relações, assim como a sexualidade e a intimidade, segue acompanhando tal perspectiva.

A construção de relações amorosas e sexuais mais democráticas e igualitárias dentro ou fora do casamento é uma conquista de homens e mulheres. Esta conquista tem permitido o surgimento de outras formas de relacionamento amoroso, tanto no contexto heterossexual quanto fora dele. Vivemos hoje no signo da pluralidade. Nesse processo de transformação da intimidade, dos valores e das mentalidades, a tendência da sociedade é tornar-se cada vez mais flexível para acolher essas novas configurações das relações amorosas (Araújo, 2002, p. 77).

Essa maior flexibilidade vivida socialmente e refletida na intimidade dos sujeitos traz à tona o chamado relacionamento puro, termo cunhado por Giddens (1993), que implica num tipo de relação que reflete bastante o contexto contemporâneo. A subjetividade de cada um

ganha ainda mais representatividade e lugar no relacionar-se, existe uma necessidade que vai além da satisfação conjugal, perpassando a esfera pessoal, íntima e pessoal do sujeito. É o seu prazer, unilateral, e a sua satisfação pessoal que parecem prevalecer tornando, dessa forma, os relacionamentos passíveis de muitas possibilidades.

É considerando tal subjetividade que se faz necessário esclarecer que relações de causa e efeito são muito arbitrárias e não pertinentes no que tange à questão da infidelidade aqui analisada. Estas não são o interesse nem a proposta neste caso, entende-se que não é possível, por exemplo, preestabelecer que a insatisfação sexual seja um preditor do comportamento infiel ou que um sujeito infeliz na relação tem mais chances de trair. Esse tipo de pensamento e associação reduz muito o fenômeno, não considera a gama de fatores relacionados nem a individualidade de cada um, pois assim como um sujeito insatisfeito com seu relacionamento pode vir a ser infiel, outro que esteja satisfeito também poderá.

Assim, o objetivo geral deste trabalho foi realizar uma análise sobre como a infidelidade conjugal tem sido percebida, pesquisada e vivenciada no contexto contemporâneo. Para isso foram realizados três estudos, onde o primeiro investigou inicialmente a forma como a temática da infidelidade tem sido pesquisada no contexto científico nacional. Essa análise ofereceu uma verdadeira base onde se pautam os outros estudos, pois ofereceu um panorama das principais questões que são geralmente analisadas conjuntamente com o comportamento infiel. A mesma foi aceita para publicação na Revista Pensando Famílias [online], 2016, vol. 20, n. 2, pp. 85-98, ISSN 1679-494X. A partir desse levantamento inicial, foram analisados quantitativamente como a infidelidade tem sido percebida e vivenciada nas relações contemporâneas, através de instrumentos tais como um questionário sociodemográfico, a Escala de Satisfação Conjugal (ESC) – GRIMS (Falcke, 2003), a Escala de Atitudes em Relação à Infidelidade (EARI), Escala de Satisfação Sexual (ESS), Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC) (Vila & Del Prette, 2012). Por

fim, foram ainda analisadas as questões dos aspectos ligados a experiências de infidelidade, na forma como se dão as crenças dos sujeitos sobre a mesma, bem como a percepção e vivência diante do fenômeno e suas multiplicidades. Tal trabalho empírico se deu na forma dos três estudos apresentados a seguir.

Estudo I: Revisão sistemática

Infidelidade: Uma revisão integrativa de publicações nacionais*

Infidelity: An integrative review of national publications

Lais Rocha Santos¹

Elder Cerqueira-Santos²

Resumo

Esta revisão integrativa tem o objetivo de analisar de que forma o fenômeno da infidelidade conjugal vem sendo investigado no cenário científico nacional. Os artigos foram selecionados a partir do uso dos descritores ‘infidelidade’ e ‘traição’ na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS Psi – Brasil). Encontrou-se 207 artigos, sendo que 136 artigos fugiam da temática de análise proposta, 34 eram duplicados, 23 se tratavam de publicações internacionais e um artigo estava indisponível para download, totalizando 13 artigos aptos para análise. Estes foram agrupados de acordo com proximidades temáticas: considerações sobre a infidelidade; relações e questões de gênero; infidelidade e outros fenômenos; infidelidade e possíveis consequências; a infidelidade e o conceito das relações líquidas. Nota-se que a temática é pouco investigada, as publicações analisadas versam mais sobre causas, repercussões e fenômenos atrelados, principalmente as questões emergentes do cenário contemporâneo, como o debate sobre as novas configurações relacionais e o conceito de liquidez postulado por Bauman (2004).

Palavras- chave: Infidelidade. Traição. Relacionamentos. Modernidade. Revisão integrativa.

¹ Psicóloga Graduada pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – AGES. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social – Universidade Federal de Sergipe (UFS). Endereço para correspondência: PPG Psicologia Social, Universidade Federal de Sergipe, Av. Marechal Rondon, Didática II, Rosa Else, São Cristóvão, SE, 49100-000. laisrocha_17@hotmail.com

² Doutor em Psicologia pela UFRGS e professor do PPG em Psicologia Social da Universidade Federal de Sergipe.

*Artigo publicado em “Pensando Famílias”

Santos, Lais Rocha, & Cerqueira-Santos, Elder. (2016). Infidelidade: Uma revisão integrativa de publicações nacionais. *Pensando familias*, 20(2), 85-98.

Abstract

This integrative review has the objective of analyze the way marital infidelity phenomenon has been investigated on the national scientific scenario. The articles were selected by the use of descriptors: infidelity and betrayal on the Virtual Health Library (BVS Psi-Brazil), resulting on 207 articles, given that 136 articles fled from the suggested analyses theme, 34 duplicated, 23 international publications and one article available for download, involving a total of 13 eligible articles for analysis. These were grouped according to the themes proximities; Considerations on the infidelity; Relations and questions of gender; Infidelity and other phenomena; Infidelity and possible consequences; The infidelity and the concept of the liquid Relations. It should be noted that the theme is little investigated, the analyzed publications discuss more about causes, impacts and liked phenomena, especially the emerging questions of the contemporary scenario, as the debate on its news relational configurations and the concept of liquidity postulated by Bauman (2004).

Keywords: Infidelity. Betrayal. Relationships. Modernity. Integrative review.

Introdução

A sociedade muda, os contextos sócio-históricos e culturais sofrem transformações, mas a infidelidade segue enquanto fenômeno permanentemente observado em diferentes meios. Considerada um ato contra as normas da sociedade, contraria a prática monogâmica que sempre teve como base a fidelidade ao cônjuge. Diz respeito a uma violação da exclusividade sexual esperada, implícita ou expressada, quando se inicia um relacionamento, que inclui não somente as práticas de cunho sexual, mas de envolvimento afetivo e de conexões emocionais (Blow & Hartnett, 2005). A infidelidade aparece enquanto o rompimento desse acordo sobre a exclusividade emocional e/ou íntima, quando se

compartilha desta com alguém fora da relação primária, sem o consentimento do parceiro (Fife, Weeks, & Gambescia, 2008).

O fenômeno da infidelidade também é visto como algo que fere e rompe com os ideais do amor romântico, do comprometimento e da exclusividade na relação, é um rompimento no contrato social que se estabelece quando duas pessoas iniciam um relacionamento. O fenômeno se torna mais complexo e subjetivo pelo fato de que duas pessoas podem apresentar ideias diferentes do que se constitui uma infidelidade. Sabe-se que a mesma pode se apresentar de diferentes formas e contextos, mas cada um delimita para si e para o seu relacionamento o que de fato a representa (Hertlein, Wetchler, & Piercy, 2005). O amor se constituiria nas relações amorosas enquanto um fenômeno que exige um movimento duplo e oposto, no qual o casal vivencia um estado de altruísmo, encantamento e admiração mútua. Esse movimento logicamente também é influenciado por questões particulares e subjetivas de cada sujeito, daí sua oposição, que resulta na própria experiência da relação e desse amor, da forma como é vivenciado.

Essa relação remete a uma vivência em que o sujeito tem sua própria identidade, mas enxerga no outro, na pessoa amada, o desejo de lhe fazer bem sem esperar algo em troca, o que constitui o altruísmo já referido (Rosset, 2004). Nesse caso, as relações amorosas também seriam fruto de uma construção social que afeta a todos, mas de formas diferenciadas baseadas na subjetividade de cada sujeito. Tanto que Hertlein et al. (2005) problematizam justamente tal subjetividade das relações, optando por conceber as definições de infidelidade encontradas na literatura sobre o assunto como insuficientes. Para os autores, estas não englobariam a complexidade de fatores que estão envolvidos numa relação, seja ela física, emocional ou virtual, mas envolvem um grupo mais diverso de comportamentos não considerados.

É justamente esse contexto social que Giddens (1993) aponta como sendo resultado de muitas mudanças e transformações ao longo do tempo, basta uma simples análise no que diz respeito às vivências e às questões do amor no passado e atualmente. A modernidade imprime no sujeito uma ansiedade ligada às diferentes formas e perspectivas de se relacionar amorosamente. Consequentemente, essa diversidade representa o contexto atual, onde as possibilidades foram reconfiguradas, as relações já não se constituem baseadas nas de outrora.

O que também aparece enquanto um reflexo da modernidade nas relações é o caráter cada vez mais superficial e até mesmo banalizado dos relacionamentos e vínculos. Seria uma consequência da maior liberdade que hoje goza o homem ou um posicionamento diante desse social que o promove? De certo, tem-se o que Bauman (2004) apresenta como líquido, a liquidez das relações, da própria modernidade e do amor. Vive-se o tempo do descartável e isso já não se sujeita apenas em sentido material, na atualidade isso é vivenciado e experimentado.

Entende-se que este, por se tratar de um tema que permeia o imaginário popular e até mesmo de certa polêmica, envolto em tabus e recriminações, ainda é pouco discutido no âmbito acadêmico e científico. Pôde-se constatar essa realidade após uma pesquisa inicial e preliminar sobre o tema na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS Psi – Brasil), que antecedeu a elaboração desta revisão integrativa. Compreender, por exemplo, as razões que levam os homens e mulheres a trair é um processo complexo, que vai além das respostas objetivas. Contribuir e facilitar a possibilidade de novos estudos, além de ampliar e discutir perspectivas acerca do tema é uma necessidade, principalmente diante das múltiplas formas de se relacionar que a modernidade oferece e do que essa discussão pode proporcionar nos relacionamentos.

Optou-se pelo método da análise integrativa, por entender que esta possibilita discorrer acerca do conhecimento atual sobre o tema, identificar, analisar e sintetizar informações

extraídas dos estudos previamente levantados. Conhecer o que já se tem enquanto produção nacional e a partir desse movimento, bem como das lacunas identificadas, propiciar o surgimento de novas pesquisas no assunto. Mendes, Silveira e Galvão (2008) destacam que esse tipo de estudo proporciona um maior conhecimento aos profissionais que se dedicam a investigar o tema, pois eles encontram na revisão uma síntese completa a respeito desse conhecimento. Beneficiam-se também de uma descrição do fenômeno e análise do mesmo na atualidade, principais achados e descobertas do meio, bem como vieses de investigação. O intento é contribuir para uma compreensão completa do fenômeno da infidelidade nas publicações nacionais aqui analisadas e principalmente na discussão sobre o tema.

Considerando a importância de se promover um delineamento da produção científica nacional acerca do tema, este estudo teve por objetivo analisar de que forma o fenômeno da infidelidade vem sendo investigado no cenário científico nacional, principalmente no que tange aos debates que a literatura tem feito nos últimos anos sobre questões emergentes no cenário contemporâneo. São estas as problemáticas de gênero, as mudanças vivenciadas nas últimas décadas nas configurações relacionais, os novos formatos de família e o conceito de liquidez apresentado por Bauman (2004) para ilustrar as mudanças que a sociedade tem vivenciado. A partir disso, objetivou fazer um recorte das principais contribuições dessas pesquisas, bem como identificar déficits no que tange a análise da temática e as lacunas existentes.

Método

Com relação à pesquisa proposta, a busca dos artigos foi realizada na BVS Psi – Brasil, que constitui uma relevante fonte de busca e acervo no cenário científico nacional e da América Latina. No que tange as bases de dados utilizadas, optou-se pela *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e pelo Periódico Eletrônico de Psicologia (PEPsic). Optou-se

também pela busca na plataforma de indexamento LILACS, que também faz parte da BVS Psi – Brasil.

Para o levantamento de material nessas plataformas foram utilizadas palavras-chave como descritores da temática a ser investigada neste estudo. Nesse contexto, compreendeu-se que o termo infidelidade não apresenta na língua portuguesa muitas variações, mas alguns sinônimos popularmente conhecidos. Assim, foram utilizados dois descritores básicos, ‘infidelidade’ e ‘traição’, que foram empregados no processo de pesquisa de forma independente e não combinada, por conta da escassa produção científica a respeito do tema disponível no contexto nacional. Ainda por esse motivo, não foi estabelecido um recorte cronológico, tendo sido encontradas 207 publicações nacionais acerca do tema.

Assumiram-se os seguintes pontos como critérios de inclusão: a) o artigo ser completo, b) estar disponível para *download*, c) ser um estudo em português, d) pertencer a qualquer área do conhecimento, desde que apresentasse relação com o objetivo deste estudo. Foram excluídos os artigos: a) duplicados, b) que não estavam disponíveis para *download*, c) publicados em outra língua que não português, d) incompletos, e) que não apresentavam relação com o objetivo deste estudo, f) monografias, dissertações e teses. Assim, foram encontrados na busca a partir dos descritores infidelidade e traição, 207 artigos publicados, sendo 82 publicados no SciELO, 27 no PEPsic e 98 no LILACS. A partir desse montante, foram aplicados os critérios previamente determinados de inclusão e exclusão dos trabalhos, restando 13 artigos considerados aptos para a análise.

Diante desse número, se fazem relevantes algumas considerações: 136 artigos fugiam da temática de análise aqui proposta; 34 estavam duplicados, ou seja, publicados em duas bases de dados; 23 não eram publicações nacionais e um artigo não estava disponível para *download*, não sendo possível o acesso ao conteúdo completo do mesmo até a finalização deste artigo (Figura 1).

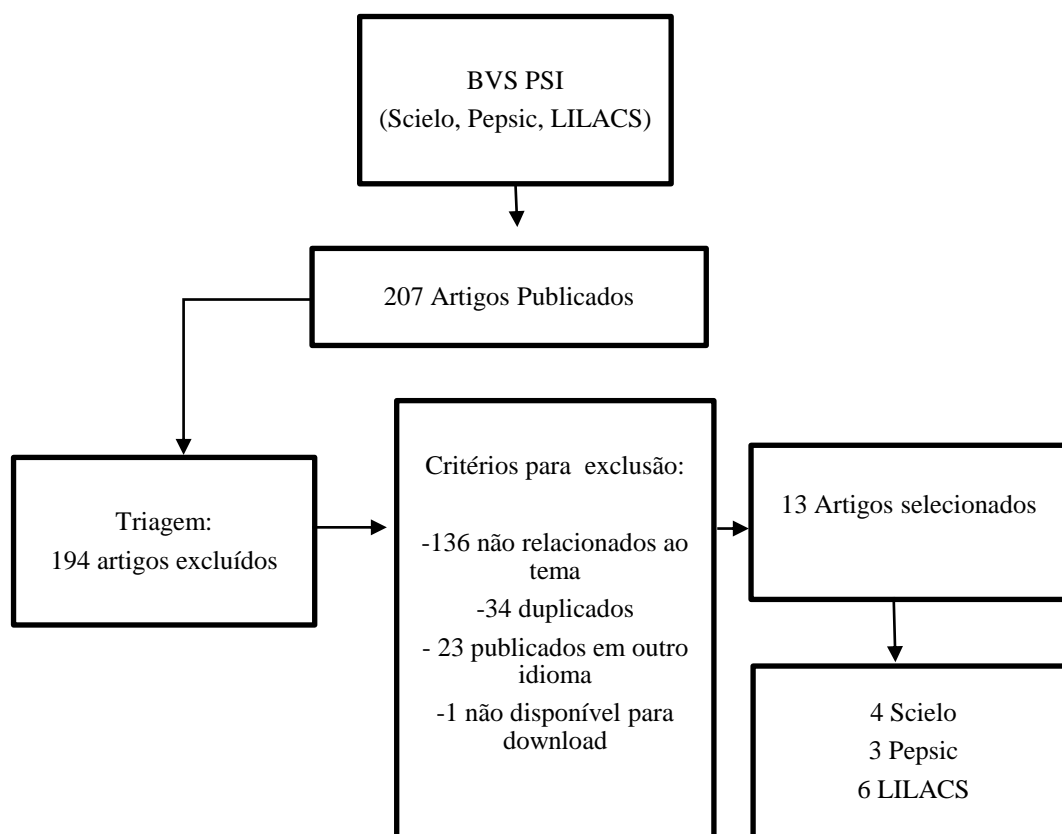


Figura 01. Procedimentos realizados para inclusão e exclusão dos artigos.

Resultados e Discussão

Os artigos selecionados representam a forma como o fenômeno da infidelidade vem sendo abordado nos trabalhos e pesquisas no cenário científico nacional. Assim, se faz necessário apresentá-los e analisá-los quantitativamente a partir de dados bibliométricos e posteriormente qualitativamente em eixos temáticos. Um dado importante de análise a respeito dos artigos aqui discutidos refere-se ao ano de publicação. O primeiro artigo analisado foi publicado no ano de 2007, sendo que no ano seguinte também foi identificada uma publicação. Nota-se a partir de então um movimento crescente nas publicações nacionais, sendo identificadas duas publicações a cada ano, 2009, 2010, 2012, 2013 e 2014, retornando para uma publicação no ano de 2015.

No que tange às revistas, observou-se que três delas se destacam nas publicações sobre o tema, são elas: Estudos de Psicologia (quatro), Pensando Famílias (três), Junguiana (dois),

seguidas pela *Ciencia y Enfermería* (dois), Psicologia Clínica (um) e Psicologia em Revista (um). É preciso destacar um adendo quanto a Revista *Ciencia y Enfermería*, a mesma se destina a publicações na área da saúde abrangendo todos os países iberoamericanos. No entanto, os artigos que foram selecionados na mesma são nacionais e foram publicados em português.

No que se refere ao método abordado nos artigos, percebeu-se que seis estudos optaram pelo delineamento do tipo qualitativo, aferindo questões como percepção, atitudes, motivações, entre outros. Outros quatro estudos se debruçaram sobre o método quantitativo, mensurando em números, classificando e analisando os dados levantados. Três estudos analisaram o fenômeno da infidelidade sobre um viés estabelecido e de interesse dos autores, mas sem delinear um método específico, apenas discutindo a questão da revisão teórica.

No que tange a análise qualitativa, foi possível agrupá-los também enquanto categorias de acordo com aproximação temática, levando em consideração os conteúdos discutidos, objetos de estudo e arcabouço teóricos, sendo: considerações sobre a infidelidade, relações e questões de gênero, infidelidade e outros fenômenos, infidelidade e possíveis consequências, a infidelidade e o conceito de relações líquidas.

A escassez de artigos publicados que abordem essa temática é considerável, o fenômeno da infidelidade ainda é considerado tabu e permeado de polêmicas, muito do que se especula no senso comum sobre o mesmo tramita no plano da fantasia e imaginário das pessoas. Além de um arcabouço baseado principalmente nas experiências pessoais dos sujeitos, mas sem os questionamentos que envolvem dar sentido ao fenômeno, como as causas e consequências, fatores atribuídos e correlacionados, diferentes contextos e subjetivações.

Em suma, a partir da leitura na íntegra dos 13 artigos e da análise quantitativa realizada, os mesmos foram divididos de acordo com as temáticas e áreas abordadas, promovendo assim a seguinte análise e discussão qualitativa.

Considerações sobre a infidelidade

O fenômeno da infidelidade, de acordo com Feldman (2005), diz respeito para a maioria das pessoas ao ato de se estabelecer uma nova relação amorosa (ou relações amorosas) quando já se está comprometido em uma relação anterior com vínculo de afeto. No entanto, observa-se também que esse ato não está vinculado apenas a um novo relacionamento amoroso, um caso de infidelidade também pode se dar através de relações apenas de cunho sexual, como encontros casuais ou até mesmo o sexo virtual, ou seja, atualmente o fenômeno ganha novas configurações e formas de ser vivenciado.

Cabe a cada sujeito estabelecer para si e em seu relacionamento o que está implicado numa traição, o que de fato para ele é considerado uma infidelidade, pois a ideia do senso comum e propagada socialmente pode adquirir novos significados dependendo da forma como essa relação se estabelece e das crenças do próprio sujeito. Na análise de Almeida (2007), uma tentativa de se esclarecer pontos importantes no que tange ao fenômeno da infidelidade aparece, principalmente a respeito de suas possíveis causas e contextos que as promovem. O binômio da “fidelidade-infidelidade” também é investigado, ou seja, porque alguns sujeitos conseguem se manter fiéis, enquanto outros acabam traindo seus parceiros.

Uma consideração importante em sua análise diz respeito ao lugar da infidelidade numa relação, pois segundo o mesmo cada sujeito dará sentido ao fenômeno de determinada forma. É possível, por exemplo, que depois de um caso extraconjugal, os parceiros permaneçam mais íntimos e a relação se torne até mais satisfatória, pelo fato de que o contrato de confiança e cumplicidade é redefinido após o caso. O mesmo autor ainda ressalta que nem

sempre isso é possível, existem os casos em que o ocorrido não é esquecido. As experiências emocionais são muito variadas e pessoais, cada sujeito reage de uma forma e esse movimento está longe de ser óbvio, o ritmo de elaboração e assimilação diante do ocorrido é muito pessoal (Almeida, 2007).

Jorge (2015) apresenta uma reflexão diferente e até impactante sobre a questão da infidelidade, quando observa que desde a saída do ser humano do útero materno a traição já está predestinada a ocorrer. Acontece que os pais projetam e criam expectativas para com aquele filho que muitas vezes não serão cumpridas, os que não conseguem se libertar dessa prisão psíquica acabam por trair a si mesmos.

Além disso, o autor considera a traição numa visão simbólica como um desígnio, traímo-nos ou traímos aos outros. Essa questão, segundo o autor, está ligada ao fato do processo de individuação e desenvolvimento psíquico do sujeito, que não aparece somente nas relações amorosas, mas no contexto do trabalho, das amizades e dos vínculos em geral. Quando se vive na tentativa de representar a fantasia do outro, o que é do sujeito é roubado, a individualidade do mesmo se perde. A traição representaria algo de que a pessoa ainda não se deu conta em si mesma e no seu relacionamento. No movimento inconsciente de trair a si mesmo, ocorre uma tentativa também inconsciente de retirar-se da unilateralidade vivenciada, uma espécie de libertação.

Nesse sentido, a traição pode ocorrer na fantasia, quando se cria uma projeção ideal, ou na literalidade, em ambas ocasionando consequências importantes. No entanto, é possível compreendê-la ainda como algo que não necessariamente precisa ser considerada de todo ruim, pois a forma como esta será experienciada e significada poderá até mesmo favorecer a relação, como foi colocado por Almeida (2007) em seu estudo.

O fenômeno da infidelidade, quando analisado sob a ótica das questões de gênero, ganha interpretações diferenciadas, pois entende-se que existem influências importantes e um repertório sociocultural que conferem ao ato de trair particularidades e distinções. Aparecem principalmente as questões em torno de uma legitimação, pois apesar da infidelidade ser um fenômeno experimentado por homens e mulheres, os caminhos percorridos por ambos tendem a ser completamente diferenciados. Tais diferenças aparecem nas relações afetivo-sexuais, sustentadas justamente por uma construção social dos gêneros, fomentada por estereótipos de gênero. Pode-se dizer que tais questões modelam as práticas sexuais, as formas de relacionamento e romper com esse construto ainda se mostra uma tarefa árdua.

Isso foi percebido no estudo de Arent (2009) quando a mesma analisa a questão de mulheres frequentadoras de um ‘Clube das Mulheres’, que encontram na transgressão das normas socialmente tradicionais e destinadas a seu gênero certa libertação, um estado de prazer mesmo sem a concretização do ato da infidelidade. A análise gira também em torno de uma infidelidade no campo da fantasia, da fabricação de um desejo muitas vezes sem sua consumação. Existe um movimento de ocultação e clandestinidade, que confere a esse ambiente uma aura de mistério. Algumas mulheres conseguem romper com os preceitos mais normativos e iniciar relacionamentos nesse contexto, vivendo um caso extraconjugal ou relacional.

No entanto, ainda é perceptível que a conduta destas é regida principalmente pelo preceito da heteronomia, ou seja, a infidelidade aparece enquanto uma reação, vingança ou atitude baseada em um comportamento inicialmente do parceiro, como uma espécie de resposta. Allen e Baucom (2004) debatem que, no que tange à justificativa das mulheres para o ato infiel, estas parecem mais motivadas para a traição quando desejam maior proximidade numa relação ou se sentem rejeitadas, negligenciadas por seus parceiros da relação primária.

Ainda no que tange a pesquisas realizadas com mulheres aparece a desenvolvida por Trindade, Almeida e Rozendo (2008), que busca analisar a infidelidade masculina, mas sob a ótica das mulheres. Estas, enquanto companheiras e vítimas de violência física e psicológica por parte de seus parceiros muitas vezes infiéis. Nesse contexto, fica muito notória a questão da relação enquanto uma forma de dominação por parte do homem, a subjugação e desvalorização da mulher companheira, inserida numa realidade que a obriga muitas vezes a permanecer num estado de passividade, simples receptora de uma relação desigual.

A pesquisa apresenta ainda a dificuldade da mulher para denunciar os atos de violência sofridos contra elas. Ao mesmo tempo que existe um sentimento de revolta muito grande, elas enfrentam as dificuldades impostas por um contexto social desigual, uma realidade vivenciada nesse contexto familiar que não as permite que decisões em seu benefício sejam tomadas, permanecendo assim num ciclo de violência e desrespeito no casamento (Trindade et al., 2008).

Na pesquisa feita por Costa e Cenci (2014), cuja amostra foi composta por homens, percebe-se justamente um movimento contrário, principalmente no que tange ao aspecto da transgeracionalidade contribuindo para a perpetuação do comportamento infiel. Configuram-se crenças ligadas ao machismo e ao patriarcado, no que diz respeito a um direito de o homem ser infiel, de sua natureza, enquanto algo que legitima e justifica o ato. No entanto, destacam ainda que é possível que cada sujeito ou casal ressignifique em suas relações o que lhes foi transmitido socialmente, em contexto familiar ou que foi aprendido. Assim, quebrariam um círculo de transmissão e obteriam um maior equilíbrio e reflexão diante do fenômeno.

Infidelidade e outros fenômenos

As vivências da infidelidade são várias, assim como as questões secundárias envolvidas nesse fenômeno. Nos estudos aqui considerados, foram identificados contextos,

situações e objetos que foram analisados conjuntamente ao fenômeno da traição. São especificamente os casos de infidelidade mediados pela *internet*, a questão do ciúme no relacionamento, da prática do *swing*, da infecção pelo *Human Immunodeficiency Virus* (HIV/AIDS) e das expressões artísticas. Ou seja, observa-se que são demandas e objetos bastante diferenciados, mas que de alguma forma ligam-se ao ato de trair, merecendo investigação e discussão, contribuindo para as discussões acerca da temática.

No que se refere à *internet*, tem se observado que a mesma aparece enquanto uma ferramenta que ganha cada vez mais espaço no dia a dia das pessoas, aumentando assim sua importância e utilidade nos mais variados contextos e situações. Esse avanço chegou aos relacionamentos, hoje é possível se relacionar com alguém em um nível de intimidade afetivo e emocional, a partir de um contato virtual de cunho sexual, por exemplo. Nesse sentido, cabe ressaltar que é importante o contrato estabelecido entre o casal para o que compreendem enquanto um ato de infidelidade, pois no contexto da *internet* nem sempre a relação virtual se concretiza no encontro físico. Assim, para algumas pessoas esse flerte virtual já se configura traição, enquanto para outras a mesma só se configura em meio físico, no toque, nas relações sexuais, beijos, entre outras coisas.

Haack e Falcke (2013) apontam que existe uma necessidade de novas pesquisas qualitativas que investiguem essa temática, pois a infidelidade virtual aparece muitas vezes como um meio de viabilizar um encontro extraconjugal presencial. Em sua investigação sobre relacionamentos amorosos mediados e não mediados pela *internet*, percebeu que os sujeitos que se relacionam dessa forma são mais infiéis do que aqueles que se relacionam pessoalmente. Tal fato se justifica pela facilidade em iniciar e finalizar tal relação, sem complicações ou entreveros.

O fantasma de todo relacionamento amoroso, sem dúvidas, é a ameaça da chegada de uma terceira pessoa. Esta é vista como a figura de um rival, seja real ou não, sendo a fonte e o

ponto de partida do desenvolvimento de um segundo fenômeno analisado aqui em conjunto com a traição: o ciúme. Segundo Almeida (2012), o ciúme na relação pode atuar de duas formas, aproximando ou afastando o parceiro a quem se dirige tal preocupação. É nesse afastamento que surge a possibilidade da infidelidade, pois o parceiro não cogita ainda uma separação, mas enxerga a possibilidade e apresenta o desejo de se relacionar com outra pessoa. O ciúme ou o pensamento de ter sido traído pelo parceiro representariam ainda uma possibilidade de vivenciar situações de estresse tanto entre o casal como no contexto familiar. Além da possibilidade de pensamentos e comportamento violentos (Harris, 2003).

O grande foco de análise no trabalho de Almeida (2012) é a investigação da possibilidade de o ciúme atuar enquanto profecia autorrealizadora da infidelidade, ou seja, tal atitude levaria a um desgaste e consequente perda da qualidade na relação amorosa, induzindo uma das partes a buscar fora desse relacionamento as vantagens que já não encontra no mesmo. O autor destaca ainda que mulheres tendem a investir em relacionamentos mais emocionais, enquanto os homens quando insatisfeitos tendem a buscar aventuras de natureza sexual.

Uma aventura sexual aparece muitas vezes como um meio de resolver ou desviar o foco de uma relação já conflituosa ou enquanto fantasia, desejo de conhecer e tentar algo novo. As novas formas e configurações relacionais de certa forma auxiliam nesse sentido, hoje com maior liberdade o sujeito pode usufruir de certos prazeres que talvez em outro tempo não fosse possível, muitas vezes pelo fato do parceiro não estar de acordo, por exemplo. O *swing* é uma prática que representa bem esse contexto, reflete o ato sexual a partir da troca de casais em ambientes destinados para tal fim, geralmente casas de *show* específicas. O sexo é praticado e assistido, existe o que se pode chamar de um espetáculo em torno do produto final, um jogo de sedução que se inicia já no ambiente, estimula a troca dos casais e culmina com a prática compartilhada.

A partir das considerações feitas por Weid (2010), compreende-se que a prática do *swing* se apresenta como algo que vai além da simples satisfação sexual momentânea, uma crua maneira de consumir prazer e logo descartá-lo. Os frequentadores expõem uma realidade que vai além, descobrem uma faceta do sexo com uma terceira pessoa que não o parceiro habitual como algo da esfera da intimidade, algo positivo que diz muito a respeito da liberdade que se apresenta e experimenta.

O que aparece muito em destaque é a diferenciação e separação entre sexo e amor, os praticantes do *swing* mantêm essa distinção muito clara, pois os mesmos pretendem manter a fidelidade amorosa e experimentar uma infidelidade sexual, em suas palavras. Essa infidelidade é nomeada de ‘consentida’ justamente pelo fato do contrato e negociação da relação por cada casal. Essa discussão traz à tona, ainda, questões paradoxais como o binômio liberdade e controle, por exemplo. Trata-se de vivenciar sua sexualidade e usufruir de um prazer e fantasia até certo ponto, existe um limite negociável no universo *swinger*, para que essa infidelidade não deixe de ser consentida.

A vivência da sexualidade com maior liberdade muitas vezes está atrelada à troca de parceiros ou as relações sexuais com múltiplos parceiros. Esse movimento acaba por acionar um gatilho no que diz respeito aos cuidados com as doenças sexualmente transmissíveis, caso certas atitudes não sejam priorizadas. Existe uma influência cultural no que tange à vivência da sexualidade masculina que está ligada ao fenômeno da infidelidade.

Segundo Pinheiro et al. (2012), a permissividade com relação a infidelidade masculina ainda se mostra real em nossa sociedade, até mesmo no contexto da família. No entanto, o comportamento infiel desprotegido é um risco e requer reflexão acerca do cuidado com o outro, do contrato afetivo e do compromisso no relacionamento. Assim, no estudo realizado, o comportamento masculino infiel aparece como potencializador quanto à vulnerabilidade ao HIV/AIDS na família.

Como visto, por se tratar de um fenômeno ainda considerado polêmico e uma espécie de tabu, as pessoas aparentemente não costumam conversar sobre a traição, a não ser quando vivenciam ou conhecem alguém que experienciou tal realidade. No entanto, o mesmo se mostra comum na sociedade, sendo retratado de muitas formas através de meios que atingem justamente o senso comum como nas expressões artísticas, por exemplo, cujo alcance engloba a maioria das pessoas.

Torres (2014) faz uma amplificação simbólica do retrato do fenômeno em letras de músicas, poesias, obras de dramaturgia e cinema. Em conjunto, oferece ainda uma análise com viés psicológico, abordando a questão do processo de individuação e dos desafios enfrentados na luta entre o manter-se fiel a si mesmo e ao outro numa relação. Esse aparece como um ponto crucial num relacionamento segundo a autora, pois quando o casal consegue respeitar tais espaços, fantasmas como o da traição podem perder espaço.

A partir de tais artigos analisados, percebe-se que o fenômeno da infidelidade deixou de ser apenas um ato ligado a um prazer sexual, envolve outras instâncias relacionadas a um sujeito que é múltiplo, as questões de gênero, de cultura, crenças pessoais, ideológicas e religiosas, por exemplo.

Infidelidade e possíveis consequências

Para Pittman (1994), a traição é algo difícil de ser compreendido, seja enquanto fenômeno ou como experiência vivenciada. O próprio termo traição, comumente utilizado para se referir à relação de infidelidade, traz consigo uma conotação negativa. Assim, é diante dessa visão compartilhada pela sociedade em geral de que a traição é algo imoral e condenável, pois vai de contra algo que foi instituído, que Tokumaru et al. (2010) e Viegas e Moreira (2013) se lançaram a pesquisar efeitos e consequências desse ato a partir de julgamentos realizados por terceiros e o efeito da infidelidade na atratividade facial de

terceiros, respectivamente. Ou seja, ter conhecimento de que uma pessoa foi infiel em algum momento muda a forma como esta é vista socialmente? Essa visão é diferenciada quando destinada a homens ou mulheres, heterossexuais ou homossexuais?

Como já dito, o acordo estabelecido e discutido pelo casal quando se inicia um relacionamento é *deveras* importante no sentido de estabelecer o que ambos consideram uma traição, mas em todo caso a sociedade já toma para si essa responsabilidade, quando deixa claro o que é considerado ou não um ato de infidelidade. Nesse sentido, Viegas e Moreira (2013) criaram um questionário com cenários hipotéticos, a fim de se averiguar como os participantes avaliariam tais situações, se constituíam ou não uma infidelidade bem como o nível de gravidade da mesma.

Foi possível constatar que o comportamento infiel homossexual foi tão penalizado quanto o heterossexual, assim como encontros de envolvimento sexual continuado teve maior gravidade atribuída do que ao cenário de uma única relação sexual. Os sujeitos mais religiosos foram os que mais atribuíram gravidade aos cenários apresentados, reforçando a ideia de que a infidelidade é algo que viola uma norma de exclusividade, de um juramento de fidelidade perante algo maior, ligados ao conservadorismo religioso e valores tradicionais das normas sociais.

Nesse mesmo argumento, Tokumaru et al. (2010) analisaram a questão da influência de um fator não físico e específico sobre a questão atratividade facial, nesse caso a informação de que o sujeito representado numa foto teria sido infiel. Assim, foi percebido que ao acrescentarem tal fato houve uma influência maior nas mulheres no que se refere às pessoas retratadas nas imagens, ressaltando a ideia de que homens e mulheres apresentam diferentes expectativas quanto ao relacionamento. A pesquisa recai também sobre um debate já proposto nesse sentido, referente às questões de gênero, principalmente quanto a permissividade da infidelidade masculina.

A infidelidade e o conceito de relações líquidas

Um ponto em comum percebido nos estudos aqui discutidos que analisam e ampliam a questão do fenômeno da infidelidade diz respeito a uma característica moderna dos relacionamentos. Isto foi descrito por Bauman (2004) como uma espécie de ambiguidade dos tempos atuais, nos quais diante das dificuldades e ao mesmo tempo facilidades existentes nas relações, as mesmas se apresentam cada vez mais frágeis e flexíveis. O homem goza de uma liberdade que ao mesmo tempo o angustia e o faz dependente do outro, daí seu caráter ambíguo.

Observa-se que essa liberdade hoje é experimentada como nunca antes, a modernidade oferece esse recurso, no entanto existe um preço a ser pago. As pessoas se encontram cada vez mais inseguras e ansiosas frente aos relacionamentos e, nesse movimento, buscando muitas vezes por relações ideais se encontram em um drama. Hoje se inicia e termina um relacionamento com uma facilidade considerável, a impressão que se tem é a de um tempo que corre, como se logo fosse preciso encontrar outro relacionamento que dê certo. O sujeito muitas vezes se esconde atrás dessa atitude, evitando questionamentos, reflexões e o enfrentamento de questões pessoais, de seu interior, muitas vezes complexas, da lida com o que é do humano.

Essa busca incansável pela vivência de algo genuinamente verdadeiro nas relações acarreta, como dito anteriormente, uma facilidade no desligar-se, colocar um fim quando já não se está mais satisfeito. O que se acredita ser genuíno na verdade parece estar mais ligado a algo raso, sem profundidade, que nesse sentido abre espaço para as ‘relações de bolso’, em rede ou a própria infidelidade. Segue-se assim na busca pela satisfação dos desejos, os riscos parecem controlados, somam-se a isso novos meios de favorecimento nesse sentido, como os relacionamentos virtuais tão comuns nos dias de hoje.

No entanto, é possível conceber que tal característica moderna dos relacionamentos de certa forma interfere na capacidade de construção e preservação de laços a longo prazo. A imediação física já não garante proximidade, o não aprofundamento dos vínculos emocionais abre espaço para novas configurações relacionais, encontra-se diante de um afrouxamento das relações humanas. Esse movimento permite que se desfrute dos momentos prazerosos da relação, mas que a qualquer momento isso seja desfeito, sem dor ou peso na consciência.

Considerações Finais

Apesar de se constatar que a infidelidade é um fenômeno antigo, relatado desde os tempos bíblicos, que acompanha o homem em sua história e não deixa de ser atual em nenhum contexto, o mesmo ainda é pouco pesquisado. Existem tabus e polêmicas em torno das questões que o envolvem, ao mesmo tempo que é muito retratado em conversas informais, principalmente quando se discute sobre alguém que vivenciou uma traição. No entanto, suas causas, repercussões, formas de se dar e fenômenos atrelados, ainda que identificados nos trabalhos aqui analisados, são pouco visados pelo meio acadêmico e científico. As discussões não se aprofundam, não abrangem o que de múltiplo está atrelado ao fenômeno.

Esse trabalho destinou-se à análise da publicação nacional acerca do fenômeno da infidelidade, bem como da forma com que o mesmo vem sendo pesquisado e os principais conceitos que aparecem atrelados em tais análises. Estes, principalmente no que se refere às questões mais emergentes do cenário contemporâneo atual, pois entende-se que estão em destade e em consonância com o fenômeno aqui discutido, estabelecem relações, parâmetros de conformidade. São exemplos disso as temáticas referentes às discussões de gênero, debate sobre novas configurações relacionais e modelos de família, além do conceito de liquidez postulado por Bauman (2004), que muito confere a temática da infidelidade nos dias de hoje.

Dessa forma, diante dos resultados obtidos nessa revisão integrativa, foi possível observar além da já referida escassez de publicações nacionais, que os artigos encontrados englobam questões e percorrem vieses muito diferenciados. A maioria explana sobre a questão da adesão a um segundo fenômeno ou conceito como *internet*, ciúmes, práticas de *swing*, HIV/AIDS, violência doméstica, arte. É necessário que novos estudos referentes às questões de gênero sejam realizados, principalmente em vista ao contexto da sociedade atual, onde o feminismo e as questões culturais têm sido tão discutidos. Quanto aos delineamentos metodológicos, percebeu-se que os pesquisadores utilizaram de uma gama de instrumentos bastante variada, sem que estes ficassem presos a somente determinada forma. As pesquisas se distribuíram em sua maioria entre o método quantitativo e qualitativo.

Assim, sugere-se que mais estudos de revisão sejam realizados, já que este apresenta enquanto lacuna o fato de só analisar a publicação nacional a respeito do tema, seguindo ainda determinados critérios de inclusão e exclusão que permitiram a não análise de certo material publicado. Assim, analisar a literatura internacional, monografias, teses e dissertações também se faz importante para que o conhecimento a respeito do tema seja compartilhado, auxiliando novas produções nacionais e delineamentos de pesquisa, por exemplo.

Referências

- Allen, E. S., & Baucom, D. H. (2004). Adult attachment and patterns of extradyadic involvement. *Family Process*, 43(4), 467–488.
- Almeida, T. (2007). Infidelidade heterossexual e relacionamentos amorosos contemporâneos. *Pensando Famílias*, 11(2), 49-56.
- Almeida, T. (2012). O ciúme romântico atua como uma profecia autorrealizadora da infidelidade amorosa? *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(4), 489-498. doi: 10.1590/S0103-166X2012000400004.

- Arent, M. (2009). (In)fidelidade feminina: Entre a fantasia e a realidade. *Psicologia Clínica*, 21, 153-167. doi: 10.1590/S0103-56652009000100011.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Blow, A. J., & Hartnett, K. (2005). Infidelity in committed relationships I: A methodological review. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31(2), 183-216. doi: 10.1111/j.1752-0606.2005.tb01555.x
- Costa, C. B. D., & Cenci, C, M, B. (2014). A relação conjugal diante da infidelidade: A perspectiva do homem infiel. *Pensando Famílias*, 18, 19-34.
- Feldman, C. (2005). *Sobre-vivendo à traição: Incluindo poemas de Cláudia Myriam Botelho* (4a. ed.). Belo Horizonte: Crescer.
- Fife, S. T., Weeks, G. R., & Gambescia, N. (2008). Treating infidelity: An integrative approach. *The family journal*, 16(4), 316-323. doi: 10.1177/1066480708323205
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp.
- Haack, K. R., & Falcke, D. (2013). Infidelid@de.com: Infidelidade em relacionamentos amorosos mediados e não mediados pela internet. *Psicologia em Revista*, 19(2), 305-327. doi: 10.5752/P.1678-9563.2013v19n2p305
- Harris, C. R. (2003). A review of sex differences in sexual jealousy, including self-report data, psychophysiological responses, interpersonal violence, and morbid jealousy. *Personality and Social Psychology Review*, 7(2), 102-128. doi: 10.1207/S15327957PSPR0702_102-128
- Hertlein, K. M., Wetchler, J. L., & Piercy, F. P. (2005). Infidelity: An overview. *Journal of Couple & Relationship Therapy: Innovations in Clinical and Educational Interventions*, 4(2-3), 5-16. doi: 10.1300/J398v04n02_02

- Jorge, D. B. P. (2015). Traição: Um desígnio? *Junguiana*, 33, 30-38.
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: Método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto e Contexto - Enfermagem*, 17(4), 758-764. doi: 10.1590/S0104-07072008000400018
- Pinheiro, P. N. D. C., Ferreira, A. G. N., Dias, F. L. A., Silva, K. L. D., Scopacasa, L. F., & Gubert, F. D. A. (2012). Relação entre infidelidade e infecção ao HIV/AIDS na visão de homens heterossexuais. *Ciência y Enfermería*, 18(3), 39-48. doi: 10.4067/S0717-95532012000300005.
- Pittman, F. (1994). *Mentiras Privadas: A infidelidade e a traição da intimidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Rosset, S. M. (2004). *O casal nosso de cada dia*. Curitiba: Sol Editora.
- Tokumaru, R. S., Baumel, S. W., Aires, F. C. G., Viana, D. P., Ambrósio, L. A., Aguiar, Y. N., & Monteiro, R. N. (2010). O efeito da infidelidade sobre a atratividade facial de homens e mulheres. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 15, 103-110. doi: 10.1590/S1413-294X2010000100014
- Torres, R. F. (2014). Reflexões sobre a traição amorosa na psicologia e na arte. *Junguiana*, 32, 54-62.
- Trindade, R. F. C., Almeida, A. M., & Rozendo, C. A. (2008). Infidelidade masculina e violência doméstica: Vivência de um grupo de mulheres. *Ciência y Enfermería*, 14(2), 39-46. doi: 10.4067/S0717-95532008000200006.
- Viegas, T., & Moreira, J. M. (2013). Julgamentos de infidelidade: Um estudo exploratório dos seus determinantes. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 18(3), 411-418. 10.1590/S1413-294X2013000300001
- Weid, O. (2010). Swing, o adultério consentido. *Estudos Feministas*, 18(3), 789-810. doi: 10.1590/S0104-026X2010000300009.

Estudo II

Considerações sobre a infidelidade conjugal no contexto contemporâneo

Lais Rocha Santos

Elder Cerqueira-Santos

Na atualidade, os relacionamentos se dão de uma forma particular e bastante distinta de tempos atrás. Giddens (1993) descreve-os enquanto relacionamentos do tipo puro, onde os sujeitos enfatizam também suas vidas profissionais e remunerações, havendo um destaque para a autonomia de cada um e preocupação com conquistas pessoais. É como se o relacionamento passasse a figurar ao lado de outras questões também de grande importância na vida dos sujeitos, deixando de ocupar um lugar de primazia, como ocorria outrora.

Os relacionamentos foram reestruturados e remoldados para abarcar as características atuais da vida em sociedade, em termos do que se preza e do que se rejeita, seja na vida em grupo ou nas relações a dois. A partir de uma perspectiva ocidental, nenhum sujeito é mais obrigado a permanecer em uma relação contra sua vontade, quando esta passa a não mais satisfazê-lo. Pode-se dizer que o vínculo emocional passa a ser subjetivado, é particular de cada um, delimitado pelas expectativas e vivências de cada um, assim como pela sua satisfação. Tal vínculo ou parceria podem ser finalizados a qualquer momento que um dos pares assim queira, de forma unilateral.

Apesar de tal vínculo emocional e da intimidade serem fatores fundantes e mantenedores de um relacionamento, este não se encontra imune a problemas que venham a desestruturar tal relação. As relações não são estáticas, os sentimentos não são engessados ante as possibilidades, ainda que diante de um compromisso interpessoal. Hoje, não existem

garantias, não é possível garantir a durabilidade de uma relação, bem como a exclusividade sexual (Guedes & Assunção, 2006).

A partir da revisão de papéis sociais e sexuais, novas formas e arranjos relacionais, a perspectiva sobre o quão satisfeito e sobre o sucesso das relações foi repensada (Duarte & Rocha-Coutinho, 2011; Féres-Carneiro, Ziviani, & Magalhães, 2011; Zordan, Wagner, & Mosmann, 2012). Nesse sentido, a possibilidade de se colocar um ponto final numa relação com mais facilidade do que antes também é considerada, hoje a felicidade pessoal importa, o olhar para si mesmo ganha força e pode-se dizer que é cada vez mais considerado pelos sujeitos em suas experiências relacionais.

As formas de se constituir e principalmente o bom funcionamento de uma relação estão atrelados a mais fatores pessoais, sobretudo os subjetivos (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Sharlin, 2004). No entanto, não se pode deixar de considerar que os fatores externos e alheios também garantem a essa soma de fatores uma grande relevância, tais como o companheirismo, o bem-estar e a segurança na relação, além das pressões, agentes e modelos culturais (Alarcão, 2002; Farias, 1994). A comparação, por exemplo, com os modelos socialmente difundidos e valorizados, influencia para que pessoas se esmerem e busquem em suas relações atingirem tais padrões apreciados.

No entanto, ainda considerando a questão da subjetividade nesses casos, evoca-se aqui o caráter múltiplo envolvido na satisfação conjugal, pois não existe apenas uma polaridade limitada onde o sujeito se encontra plenamente satisfeito ou não satisfeito em sua relação. É justamente nesse ponto que o sistema de crenças dos indivíduos atua de forma importante, visto que a qualidade relacional está atrelada também a intimidade, a confiança, ao cotidiano sexual e emocional dos mesmos. O caráter interpessoal da relação com o outro e do que disto é apreendido apresenta bastante relevância, mas o interno, relativo ao psiquismo humano, às crenças e aos pensamentos, também precisa ser considerado. São tais crenças que interferem e

influenciam nos relacionamentos, nas reflexões feitas e decisões tomadas, por exemplo, contribuindo assim diretamente na complexidade envolvida nos relacionamentos.

Neste sentido, Sbicigo e Lisboa (2009) investigaram as relações entre habilidades sociais e satisfação conjugal em 25 casais, com idades que variavam entre 23 e 69 anos e tempo de união entre sete e 40 anos. Estes sujeitos responderam à Escala de Satisfação Conjugal (ESC) e à Escala Multidimensional de Expressão Social (EMES) - Parte Cognitiva, conseguindo mostrar justamente o quanto os níveis em tais variáveis se mostram correlacionados.

Entre um dos fenômenos mais controversos e atuais percebidos e vivenciados nos relacionamentos é o da infidelidade conjugal. Tal fenômeno é visto sob muitas perspectivas, Goldenberg (2011), por exemplo, defende que a infidelidade não pode ser vista como uma falha individual. No entanto, as pessoas em geral ainda consideram a infidelidade conjugal um comportamento negativo, um fenômeno que prejudica os relacionamentos, além da questão do sofrimento que quase sempre ocorre, ligada a pessoa traída (Viegas & Moreira, 2013).

Estudos também de natureza qualitativa buscaram destrinchar o fenômeno aqui analisado, a exemplo de Trindade, Almeida e Rozendo (2008), onde foram entrevistadas 14 mulheres na faixa etária de 20 a 24 anos, residentes na periferia de Maceió, capital do estado de Alagoas, com o intuito analisar o fenômeno em relação à violência doméstica. Neste estudo, foi possível caracterizar as assimetrias de gênero no grupo estudado, além de trazer à tona a posição de submissão a que essas e muitas mulheres ainda estão sujeitas em seus contextos. Costa e Cenci (2014) entrevistaram cinco homens heterossexuais que viveram em união estável pelo período mínimo de um ano e tiveram pelo menos um relacionamento extraconjugal durante a relação oficial. A partir dos relatos dos mesmos, os autores destacaram a experiência infiel enquanto um fenômeno que está imerso num universo

relacional, inserido no ciclo do desenvolvimento familiar, recebendo influências de diversos fatores, internos e externos.

Diante do exposto, este estudo buscou averiguar como as pessoas têm percebido e compreendido a questão da infidelidade nos relacionamentos conjugais. Buscou especificamente compreender a percepção de homens e mulheres diante de tal fenômeno em relação às principais motivações ou fatores envolvidos e proximidades e distanciamentos na questão dos gêneros em relação à prática. Buscou-se ainda investigar e abranger as experiências infiéis a partir dos principais construtos relacionados à satisfação sexual e conjugal, as habilidades sociais conjugais e as atitudes e crenças frente ao fenômeno.

Método

Participantes

O estudo em questão foi realizado a partir de uma abordagem *online* (*survey*), teve enquanto amostra 531 sujeitos de quaisquer cidades brasileiras, perfazendo uma população completamente aleatória, que se identificaram como homens, mulheres, heterossexuais, homossexuais, casados (as) ou em um relacionamento de qualquer tipo. Os participantes tiveram ainda idade igual ou maior que 18 anos. Foram retirados da amostra os questionários que não apresentaram mais da metade das questões respondidas.

Instrumentos

A presente pesquisa foi composta por um questionário sociodemográfico, com perguntas desenvolvidas para identificação do participante, a exemplo de sexo, idade, estado civil, escolaridade, profissão e renda (Anexo D). Além disso, utilizou-se quatro escalas que buscaram mensurar a satisfação conjugal, atitudes em relação à infidelidade, satisfação conjugal e habilidades conjugais.

A primeira delas é a Escala de Satisfação Conjugal (ESC) (Falcke, 2003) (Anexo E). Ela mede a qualidade do relacionamento conjugal através de algumas dimensões, sendo elas: satisfação, comunicação, interesses compartilhados, confiança e respeito. É constituída por 28 itens, os quais o sujeito deve pontuar em uma escala *Likert* de 4 pontos [*Mínimo (Min)* = 28; *Máximo (Max)* = 112]. Na pontuação da escala, percebe-se que quanto maiores os escores obtidos, mais graves são os problemas no relacionamento conjugal vivenciado, assim poderiam estes problemas ser responsáveis direta ou indiretamente, influenciadores de certa forma no comportamento infiel? Através deste instrumento será analisado se é possível estabelecer uma relação entre a qualidade conjugal; ou falta desta; e a infidelidade. Antes de criar o escore da presente escala, fez-se a recodificação dos itens 3, 6, 7, 8, 11, 13, 16, 18, 19, 21, 23, 24, 26 e 27, para que todos os itens da escala estivessem no mesmo sentido (positivo). Após a recodificação, somou-se os itens para a análise geral da escala (escore).

A Escala de Atitudes em relação à Infidelidade (EARI) (Whatley, 2006) (Anexo F) mede as crenças dos sujeitos sobre a infidelidade, apresentando uma melhor compreensão do que as pessoas pensam e sentem sobre questões associadas ao comportamento infiel. De acordo com essa escala, quanto menor a pontuação total (*Min* = 12) menos o sujeito que a responde aceita a infidelidade; assim como quanto maior a pontuação total (*Max* = 84), maior a aceitação do mesmo quanto à infidelidade. Fez-se a recodificação dos itens 1, 2, 5, 6, 7 e 8, e após somou-se os itens para criar o escore da escala.

A Escala de Satisfação Sexual (ESS) (Cardoso, Martins, Fávero, Silveira, & Souza, 2009) (Anexo G) é formada por uma das nove escalas que compõem o Questionário de Identidade Corporal (QIC). Esta representa a opinião da pessoa sobre questões ligadas a sua vida sexual, variando de 1 (representa pouco) a 6 (representa muito). Tal escala é constituída por 6 itens (*Min* = 6; *Max* = 36) e foi escolhida para compor a pesquisa pelo fato da satisfação sexual ser comumente associada à qualidade de vida e ter sua relevância nos relacionamentos.

Neste sentido, é importante analisar se esse fator pode ser ou não considerado um importante influenciador para a infidelidade. Esta escala não passou por recodificação dos itens, visto que todos eles se encontravam no mesmo sentido em relação a pergunta.

Por fim, usou-se também o Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC) (Vila & Del Prette, 2012) (Anexo H), que mede as habilidades sociais do relacionamento do casal. Tais habilidades sociais conjugais são: comunicação e expressividade (fator 1, itens 1, 4, 8, 14, 22 e 24) ($Min = 6$; $Max = 36$), asserção de autodefesa (fator 2, itens 2, 21, 23, 26, 28 e 30) ($Min = 6$; $Max = 36$), expressão de intimidade (fator 3, itens 7, 10, 12, 19 e 31) ($Min = 5$; $Max = 30$), autocontrole empático (fator 4, itens 3, 9, 15, 27 e 32) ($Min = 5$; $Max = 30$), assertividade pró-ativa (fator 5, itens 5, 6, 13, 16, 17 e 18) ($Min = 6$; $Max = 36$) e evitação de conflitos (fator 6, itens 20, 25 e 29) ($Min = 3$; $Max = 18$). Este instrumento foi utilizado por se considerar que o sucesso ou fracasso de um relacionamento tem estreita ligação com a qualidade de vida dos cônjuges, assim como com a forma que estes utilizam para lidar com determinadas situações, por exemplo; seus conflitos e acontecimentos cotidianos. Para criar o escore do IHSC, fez-se, inicialmente, o recode dos itens 2, 7, 10, 12, 14, 16, 19, 21, 23, 26, 28 e 30. Criou-se o escore da escala geral ($Min = 32$; $Max = 160$) e dos seus seis fatores.

Procedimentos de coleta de dados

O link do questionário autoaplicável foi enviado por *e-mails*, mídias e redes sociais, grupos de aplicativos de mensagem (*whatsApp*) e mensagem, gerando um repasse para o público alvo da presente pesquisa. Além da divulgação por meio da página do ‘SexUs UFS’ no *facebook*, um grupo de estudos e pesquisa sobre sexualidade humana da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Foi também estipulado um período de tempo específico para que o mesmo ficasse disponível para acesso e coleta de dados (de 17/12/17 a 08/01/18, total de 22 dias).

Procedimentos de análise de dados

Foram realizadas análises descritivas e bivariadas de correlação (correlação de *Pearson*) e comparação de médias (ANOVA *one-way*). A correlação de *Pearson* foi realizada entre os escores das escalas ESC, EARI, ESS e do IHSC, incluindo seus fatores. Para a realização da ANOVA *one-way*, criou-se uma variável nominal relacionada à traição (G1 = traiu, G2 = foi traído, G3 = nunca traiu e nunca foi traído, G4 = traiu e foi traído) a partir das questões 14 e 16 do questionário sociodemográfico, permitindo a comparação entre os 4 grupos e os escores gerais das escalas ESC, EARI, ESS e do IHSC. Em ambas análises, foi adotado nível de significância menor que 0,05 ($p < 0,05$).

Aspectos éticos

Os participantes foram informados anteriormente sobre sua contribuição para a pesquisa através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), pois no mesmo ficou claro que poderiam participar da pesquisa os sujeitos manifestassem desejo e disponibilidade, bem como estivesse de acordo com a mesma. Neste estudo, o TCLE foi atrelado a uma página na qual o clicar no botão ‘aceito’ para continuação do questionário, significava a concordância da participação, pois o mesmo foi realizado virtualmente através de questionário online.

Além disso, cabe ressaltar que todos os sujeitos foram informados sobre a possibilidade de desistência na participação da pesquisa, a qualquer momento do processo de coleta de dados, lhe sendo garantido o direito ao anonimato e a confidencialidade, como preconiza as diretrizes éticas pré-estabelecidas para a prática da pesquisa científica envolvendo seres humanos, conforme a nova Resolução nº 466/12 e nº 510/16 (Brasil, 2012).

O estudo em questão foi ainda submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFS (CAEE 43223915.9.0000.5546).

Resultados e Discussão

Em relação ao sexo, 84,2% ($n = 447$) dos participantes deste estudo eram do sexo feminino e 15,8% ($n = 84$) do sexo masculino, tendo em média 32,5 anos [*Desvio Padrão* (DP) = 10,72; $Min = 17$; $Max = 74$]. Quanto ao estado civil, a maior parte dos respondentes autodeclararam, principalmente, estarem namorando (38,0%; $n = 202$), seguidos de casados (36,0%; $n = 191$), união estável (15,8%; $n = 84$) e relacionamento não convencional (10,2%; $n = 54$). Os participantes tinham em média 84 meses de relacionamento ($DP = 88,23$). A maioria declarou professar religião católica (39,4%; $n = 209$), seguidos de evangélicos (13,6%; $n = 72$) e outros, que englobou as respostas de pouca variabilidade (47,1%; $n = 250$). Sobre a escolaridade, 42,4% dos participantes possuíam ensino superior completo ($n = 225$), 25,0% havia terminado ou estava cursando pós-graduação ($n = 133$), 24,7% ($n = 131$) tinha ensino superior incompleto e 7,9% ($n = 42$) possuía escolaridade inferior às citadas (ver tabela 1).

Acerca das escalas, os participantes pontuaram em média 28,2 pontos ($DP = 12,76$) na EARI, 24,4 pontos ($DP = 5,03$) na ESS, 80,5 pontos ($DP = 13,71$) na ESC e 121,30 pontos ($DP = 13,61$) no score geral do IHSC (ver tabela 1), sendo em média 25,3 pontos ($DP = 3,78$) no fator comunicação e expressividade, 23,6 pontos ($DP = 3,74$) no fator asserção de autodefesa, 20,5 pontos ($DP = 3,14$) no fator expressão de intimidade, 17,0 pontos ($DP = 2,96$) no fator autocontrole empático, 22,0 pontos ($DP = 3,64$) no fator assertividade pró-ativa e 10,6 pontos ($DP = 2,54$) no fator evitação de conflitos (Tabela 1).

Tabela 1

Descritivas das informações sociodemográficas e das escalas.

Demográficos		N	%
Sexo	Masculino	84	15,8%
	Feminino	447	84,2%
Escolaridade	Pós-graduação	133	25,0%
	Superior completo	225	42,4%
	Superior incompleto	131	24,7%
	Abaixo de Superior	42	7,9%
Religião	Católica	209	39,4%
	Evangélica	72	13,6%
	Outras religiões	250	47,1%
Escalas		M	DP
EARI		28,2	12,76
ESS		24,4	5,03
ESC		80,5	13,71
IHSC		121,3	13,61

No que tange à traição e proximidade com o assunto, 53,7% ($n = 285$) declarou conhecer pessoas que traem e 50,8% ($n = 270$) declarou conhecer pessoas que são ou já foram traídas. Quanto ao desejo e ato de trair ou ter sido traído (a), 62,1% ($n = 330$) afirmam sentir vontade de trair e 36,3% ($n = 193$) pensa que poderia trair. Além disso, 8,7% ($n = 46$) já cometeu traição, 40,3% ($n = 214$) já foi traído, 27,9% ($n = 148$) nunca traiu ou foi traído e 23,2% ($n = 123$) já passaram por ambas as situações.

Houve diferença significativa na ANOVA, analisando os grupos relacionados à traição (G1 = traiu, G2 = foi traído G3 = nunca traiu e nunca foi traído e G4 = traiu e foi traído) e as médias das escalas [Para a ESC, $F(3,524) = 19,74$, $p < 0,001$; para a ESS, $F(3,527) = 6,00$, $p < 0,001$; para EARI, $F(3,527) = 66,19$, $p < 0,001$; para o IHSC, $F(3,527) = 4,00$, $p = 0,008$; para o IHSC (Fator 1), $F(3,527) = 6,05$, $p < 0,001$; para o IHSC (Fator 2), $F(3,527) = 6,34$, $p < 0,001$; para o IHSC (Fator 3), $F(3,527) = 5,19$, $p = 0,002$; para o IHSC (Fator 4), $F(3,527) = 3,24$, $p = 0,022$ e para o IHSC (Fator 5), $F(3,527) = 3,24$, $p = 0,022$] exceto para o fator 6 do IHSC ($p > 0,05$).

Através da análise *a posteriori* de Tukey (Tabela 2), encontrou-se um valor maior na média do G2 ($M = 81,4$; $DP = 13,81$) em relação ao G1 ($M = 75,5$; $DP = 13,64$) e ao G3 ($M =$

74,4; $DP = 12,96$) e do G4 ($M = 85,8$; $DP = 11,67$) em relação ao G1, G2 e G3, para a ESC. Já para a ESS, houve maior média do G2 ($M = 24,9$; $DP = 4,76$) e do G4 ($M = 25,0$; $DP = 5,02$), ambos em relação ao G1 ($M = 22,08$; $DP = 6,07$). Na EARI, o G1 ($M = 42,0$; $DP = 13,42$) demonstrou maior média em relação a todos os outros três grupos ($M = 24,37$; $DP = 9,69$, para o G2; $M = 36,0$; $DP = 13,50$, para o G3; $M = 22,9$; $DP = 9,15$, para o G4) e o G3 em relação ao G2 e ao G4.

Tabela 2

Análise a posteriori de Tukey para as escalas e as variáveis traiu (G1), foi traído (G2), nunca traiu e nunca foi traído (G3) e traiu e foi traído (G4).

Escala de Satisfação Conjugal GRIMS (ESC)				
Grupos		Diferença média	DP	P
G1	G2	-5,93	2,11	0,027
	G3	1,11	2,25	0,960
	G4	-10,30	2,19	< 0,001
G2	G1	5,93	2,11	0,027
	G3	7,05	1,48	< 0,001
	G4	-4,36	1,39	0,010
G3	G1	-1,11	2,25	0,960
	G2	-7,05	1,48	< 0,001
	G4	-11,41	1,59	< 0,001
G4	G1	10,30	2,19	< 0,001
	G2	4,36	1,39	0,010
	G3	11,41	1,59	< 0,001
Escala de Satisfação Sexual (ESS)				
Grupos		Diferença média	DP	P
G1	G2	-2,90	0,80	0,002
	G3	-1,61	0,85	0,239
	G4	-2,98	0,83	0,002
G2	G1	2,90	0,80	0,002
	G3	1,29	0,56	0,100
	G4	-0,07	0,53	0,999
G3	G1	1,61	0,85	0,239
	G2	-1,29	0,56	0,100
	G4	-1,36	0,60	0,110
G4	G1	2,98	0,83	0,002
	G2	0,07	0,53	0,999
	G3	1,36	0,60	0,110
Escala de Atitudes em relação à Infidelidade (EARI)				
Grupos		Diferença média	DP	p
G1	G2	17,62	1,77	< 0,001
	G3	5,90	1,88	0,010

	G4	19,04	1,84	< 0,001
G2	G1	-17,62	1,77	< 0,001
	G3	-11,72	1,23	< 0,001
	G4	1,41	1,16	0,619
G3	G1	-5,90	1,88	0,010
	G2	11,72	1,23	< 0,001
	G4	13,13	1,33	< 0,001
G4	G1	-19,04	1,84	< 0,001
	G2	-1,41	1,16	0,619
	G3	-13,13	1,33	< 0,001
Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC)				
Grupos		Diferença média	DP	p
G1	G2	-5,80	2,19	0,042
	G3	-4,56	2,33	0,205
	G4	-7,62	2,27	0,005
G2	G1	5,80	2,19	0,042
	G3	1,23	1,52	0,850
	G4	-1,82	1,44	0,584
G3	G1	4,56	2,33	0,205
	G2	-1,23	1,52	0,850
	G4	-3,06	1,64	0,247
G4	G1	7,62	2,27	0,005
	G2	1,82	1,44	0,584
	G3	3,06	1,64	0,247

Sobre o IHSC, a análise *a posteriori* de Tukey mostrou que o G2 ($M = 121,5$; $DP = 13,90$) teve maior média em relação ao G1 ($M = 115,7$; $DP = 14,36$), assim como o G4 ($M = 123,4$; $DP = 13,04$) também em relação ao G1 (Tabela 2). Ainda sobre o IHSC, sobre o fatores 1 e 2, foi encontrada maior média no G2 ($M = 25,6$; $DP = 3,72$, no fator 1; $M = 23,7$; $DP = 3,69$, no fator 2) em relação ao G1 ($M = 23,6$; $DP = 3,95$, no fator 1; $M = 22,1$; $DP = 3,68$, no fator 2) e no G4 ($M = 25,9$; $DP = 3,50$, no fator 1; $M = 24,5$; $DP = 3,38$, no fator 2) em relação ao G1 e ao G3 ($M = 24,6$; $DP = 3,89$, no fator 1; $M = 23,1$; $DP = 4,02$, no fator 2) ; nos fatores 3 e 4, os grupos G2 ($M = 20,7$; $DP = 3,19$, no fator 3; $M = 17,2$; $DP = 2,64$, no fator 4) e G4 ($M = 20,9$; $DP = 2,91$, no fator 3; $M = 17,3$; $DP = 3,13$, no fator 4) demonstraram maior média em relação ao G1 ($M = 19,0$; $DP = 3,46$, no fator 3; $M = 15,9$; $DP = 3,26$, no fator 4); por fim, no fator 5, o G4 ($M = 22,6$; $DP = 3,50$) teve maior média em relação ao G1 ($M = 20,8$; $DP = 3,60$) (Tabela 3).

Tabela 3

Análise a posteriori de Tukey para os fatores da IHSC e as variáveis traiu (G1), foi traído (G2), nunca traiu e nunca foi traído (G3) e traiu e foi traído (G4).

Grupos		Diferença média	DP	p
IHSC (Comunicação e expressividade)				
Grupos		Diferença média	DP	p
G1	G2	-1,92	0,60	0,008
	G3	-1,00	0,64	0,399
	G4	-2,28	0,62	0,002
G2	G1	1,92	0,60	0,008
	G3	0,91	0,42	0,130
	G4	-0,35	0,39	0,807
G3	G1	1,00	0,64	0,399
	G2	-0,91	0,42	0,130
	G4	-1,27	0,45	0,027
G4	G1	2,28	0,62	0,002
	G2	0,35	0,39	0,807
	G3	1,27	0,45	0,027
IHSC (Assertão de autodefesa)				
Grupos		Diferença média	DP	p
G1	G2	-1,61	0,59	0,037
	G3	-1,04	0,63	0,357
	G4	-2,43	0,62	0,001
G2	G1	1,61	0,59	0,037
	G3	0,56	0,41	0,529
	G4	-0,82	0,39	0,155
G3	G1	1,04	0,63	0,357
	G2	-0,56	0,41	0,529
	G4	-1,39	0,45	0,011
G4	G1	2,43	0,62	0,001
	G2	0,82	0,39	0,155
	G3	1,39	0,45	0,011
IHSC (Expressão de intimidade)				
Grupos		Diferença média	DP	p
G1	G2	-1,64	0,50	0,006
	G3	-1,08	0,53	0,179
	G4	-1,89	0,52	0,002
G2	G1	1,64	0,50	0,006
	G3	0,56	0,35	0,382
	G4	-0,24	0,33	0,882
G3	G1	1,08	0,53	0,179
	G2	-0,56	0,35	0,382
	G4	-0,80	0,37	0,147
G4	G1	1,89	0,52	0,002
	G2	0,24	0,33	0,882
	G3	0,80	0,37	0,147

IHSC (Autocontrole empático)				
Grupos		Diferença média	DP	p
G1	G2	-1,28	0,47	0,038
	G3	-0,83	0,50	0,360
	G4	-1,39	0,49	0,027
G2	G1	1,28	0,47	0,038
	G3	0,44	0,33	0,532
	G4	-0,11	0,31	0,984
G3	G1	0,83	0,50	0,360
	G2	-0,44	0,33	0,532
	G4	-0,56	0,35	0,399
G4	G1	1,39	0,49	0,027
	G2	0,11	0,31	0,984
	G3	0,56	0,35	0,399
IHSC (Assertividade proativa)				
Grupos		Diferença média	DP	p
G1	G2	-1,27	0,58	0,132
	G3	-0,97	0,62	0,403
	G4	-1,81	0,61	0,017
G2	G1	1,27	0,58	0,132
	G3	0,30	0,40	0,880
	G4	-0,53	0,38	0,518
G3	G1	0,97	0,62	0,403
	G2	-0,30	0,40	0,880
	G4	-0,83	0,44	0,234
G4	G1	1,81	0,61	0,017
	G2	0,53	0,38	0,518
	G3	0,83	0,44	0,234
IHSC (Evitação de conflitos)				
Grupos		Diferença média	DP	p
G1	G2	-0,31	0,41	0,873
	G3	-0,16	0,44	0,981
	G4	-0,26	0,43	0,928
G2	G1	0,31	0,41	0,873
	G3	0,14	0,28	0,959
	G4	0,05	0,27	0,998
G3	G1	0,16	0,44	0,981
	G2	-0,14	0,28	0,959
	G4	-0,09	0,31	0,990
G4	G1	0,26	0,43	0,928
	G2	-0,05	0,27	0,998
	G3	0,09	0,31	0,990

Assim, conforme foi possível perceber os sujeitos pertencentes ao G1, ou seja, que haviam sido infiéis em algum momento de suas vidas e em algum de seus relacionamentos, se mostraram menos satisfeitos sexualmente. Essa perspectiva se mostra em face de outros dois

grupos, o G2, representando sujeitos que nunca foram infiéis e o G4, dos sujeitos que já traíram e foram traídos.

Quanto à satisfação conjugal, esse mesmo grupo (G1) se mostrou menos satisfeito no que se refere às questões da conjugalidade. Neste estudo, a média da ESC foi 80,5 ($DP = 13,71$), considerada alta visto a pontuação máxima ser 120 e denotando prevalência de problemas mais graves no relacionamento conjugal. Cerqueira-Santos, Carvalho, Nunes e Silveira (2017) analisaram a capacidade preditiva da homofobia internalizada, da religiosidade e de variáveis sociodemográficas na satisfação conjugal homossexual e encontraram média bastante menor tanto para homens ($M = 20,59$; $DP = 7,75$) como para mulheres ($M = 21,74$; $DP = 7,30$) na mesma escala. Rizzon, Mosmann e Wagner (2013), apesar de não terem calculado a média da escala classificaram apenas 9,8% da amostra como tendo problemas severos ou muito severos de relacionamento conjugal, sendo que a maioria (37,3%) referiu um nível acima da média e muito bom. Os autores investigaram as relações entre a qualidade conjugal e a satisfação, através de variáveis sociodemográficas e os elementos do amor de Sternberg.

Não se pode dizer que satisfação sexual e conjugal se mostra como preditor ou como causa para a infidelidade, este é um caminho muito diminuto e restritivo diante da amplitude do fenômeno aqui analisado e dos fatores relacionados, sendo que o intuito neste estudo não é esse. No entanto, a partir das análises feitas, fica perceptível que a relação entre tais variáveis existe e são consideráveis. De acordo com Andrade, Garcia e Cano (2009), a relação amorosa está envolta em grandes expectativas, cada sujeito devota ao seu parceiro e ao que vivenciam juntos suas perspectivas referentes a principalmente seu bem-estar e sua felicidade. Ainda diante disso, os mesmos autores explicam que tais satisfações se encontram enquanto pilares fundamentais nas considerações pessoais a respeito do estado relacional do casal. Trudel

(2002) corrobora nesse sentido ao identificar também tais questões enquanto elementos vitais à relação amorosa.

Neste estudo, os mesmos sujeitos que foram infiéis, pertencentes ao G1, apresentaram uma maior atitude positiva referente ao fenômeno da infidelidade em comparação aos sujeitos que foram traídos (G2) e aos que já traíram e foram traídos (G4). Em relação à EARI, a média desta amostra foi 28,2 ($DP = 12,76$), valor próximo ao encontrado por Ashoori, Karajvandani e Kokaneh (2015) em seu estudo ($M = 34,21$; $DP = 16,02$). Neste, os autores investigaram a relação entre intimidade sexual e qualidade de vida com atitudes positivas em relação à infidelidade conjugal em 330 mulheres, casadas há no máximo dez anos.

Tais atitudes positivas se referem a pensamentos, crenças e julgamentos que estes fazem diante do fenômeno, ou seja, para tais sujeitos um ato infiel não seria considerado algo tão grave como costumeiramente é difundido socialmente. Alguns estudos citam tais atitudes positivas enquanto preditoras do comportamento infiel, ainda que esta perspectiva não seja adotada aqui, mas sua relevância é considerável, principalmente no que tange às diferenças de gênero (Afonso, 2011; Wilson, Mattingly, Clark, Weidler, & Bequette, 2011).

O G2, grupo de pessoas que foram traídas, apresentou menos atitudes positivas em relação ao comportamento infiel, principalmente em relação aos que traíram (G1) e aos que nunca traíram e nunca foram traídos (G3) em algum momento. Sattler, Tavares e Silva (2017) demonstram como se faz relevante o entendimento a respeito desse fator, da forma como o sujeito vê a infidelidade e da sua atitude em relação à mesma, numa perspectiva de melhor entender o envolvimento ou não destas em comportamentos de infidelidade.

Quanto às habilidades socioconjugais, os sujeitos do G1, apresentaram menos habilidades nesse sentido em relação aos grupos G2 e G4, ou seja, os que foram traídos e aqueles que já traíram e foram traídos, respectivamente. No IHSC, os sujeitos pontuaram em média 121,3 pontos ($DP = 13,61$), sendo em média 25,3 pontos ($DP = 3,78$) para o fator 1,

23,6 pontos ($DP = 3,74$) para o fator 2, 20,5 pontos ($DP = 3,14$) para o fator 3, 17,05 pontos ($DP = 2,96$) para o fator 4, 22,0 pontos ($DP = 3,64$) para o fator 5 e 10,6 pontos ($DP = 2,54$) para o fator 6. Del Prette et al. (2008) buscaram testar a estabilidade do instrumento a partir de alguns indicadores de precisão estabelecidos em outros estudos, os mesmos encontraram valores um pouco mais baixos tanto para a escala geral ($M = 78,2$; $DP = 12,40$), como para todos os fatores ($M = 17,9$; $DP = 3,59$ no fator 1, $M = 13,0$; $DP = 4,25$ no fator 2, $M = 8,9$; $DP = 4,56$ no fator 3; $M = 11,7$; $DP = 3,01$ no fator 4; $M = 15,03$; $DP = 3,46$ no fator 5 e $M = 8,0$; $DP = 2,23$ no fator 6).

Segundo Del Prette e Del Prette (2014), tais habilidades dizem respeito a certos comportamentos que podem contribuir na diminuição de conflitos e colaborar no que tange às questões ligadas à satisfação do casal e ao contexto familiar. Essas habilidades são propulsoras de estabilidade emocional e qualidade de vida e, diante do que se percebe, problemas nesse campo provocam estresse e situações desagradáveis no relacionamento (Cardoso, 2017; Del Prette, Murta, Cangussú, & Del Prette, 2014).

Na atualidade, a ideia de manter um relacionamento de forma saudável pode ser considerada sinônimo da capacidade de uma boa resolução de conflitos. Além disso, segundo Cardoso & Del Prette (2017), alguns construtos nesse sentido são elencáveis, tais como habilidades emocionais, autorregulação e comunicação, responsividade ao parceiro(a), resolução de problemas e comunicação, resolução de problemas e expressão de afetividade e habilidades sexuais.

Na análise de correlação entre as escalas, a maioria mostrou significância estatística (ver tabela 4), sendo que as correlações da EARI com as demais escalas foram negativas, denotando que quanto maior a pontuação e, conseqüentemente, a aceitação da infidelidade, tendem a diminuir as pontuações da ESC (mais satisfação conjugal), da ESS (menos satisfação sexual) e da IHSC tanto geral quanto fatores (menos habilidades sociais conjugais).

Tabela 4*Correlação de Pearson entre as escalas e fatores do IHSC.*

		EARI	ESS	ESC	IHSC	IHSC_F1	IHSC_F2	IHSC_F3	IHSC_F4	IHSC_F5	IHSC_F6
EARI	<i>r</i>	1	-0,212	-0,234	-0,096	-0,207	-0,104	-0,119	-0,101	-0,145	-0,059
	<i>p</i>	-	0,000	0,000	0,028	0,000	0,016	0,006	0,020	0,001	0,174
ESS	<i>r</i>	-0,212	1	0,511	0,396	0,431	0,139	0,302	0,283	0,265	0,289
	<i>p</i>	0,000	-	0,000	0,000	0,000	0,001	0,000	0,000	0,000	0,000
ESC	<i>r</i>	-0,234	0,511	1	0,590	0,632	0,297	0,386	0,448	0,317	0,563
	<i>p</i>	0,000	0,000	-	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
IHSC	<i>r</i>	-0,096	0,396	0,590	1	0,774	0,557	0,729	0,663	0,740	0,682
	<i>p</i>	0,028	0,000	0,000	-	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
IHSC_F1	<i>r</i>	-0,207	0,431	0,632	0,774	1	0,218	0,481	0,535	0,467	0,592
	<i>p</i>	0,000	0,000	0,000	0,000	-	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
IHSC_F2	<i>r</i>	-0,104	0,139	0,297	0,557	0,218	1	0,437	0,119	0,333	0,140
	<i>p</i>	0,016	0,001	0,000	0,000	0,000	-	0,000	0,006	0,000	0,001
IHSC_F3	<i>r</i>	-0,119	0,302	0,386	0,729	0,481	0,437	1	0,315	0,473	0,355
	<i>p</i>	0,006	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	-	0,000	0,000	0,000
IHSC_F4	<i>r</i>	-0,101	0,283	0,448	0,663	0,535	0,119	0,315	1	0,390	0,557
	<i>p</i>	0,020	0,000	0,000	0,000	0,000	0,006	0,000	-	0,000	0,000
IHSC_F5	<i>r</i>	-0,145	0,265	0,317	0,740	0,467	0,333	0,473	0,390	1	0,375
	<i>p</i>	0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	-	0,000
IHSC_F6	<i>r</i>	-0,059	0,289	0,563	0,682	0,592	0,140	0,355	0,557	0,375	1
	<i>p</i>	0,174	0,000	0,000	0,000	0,000	0,001	0,000	0,000	0,000	-

Considerações finais

Este estudo buscou investigar como as pessoas têm percebido e compreendido a questão da infidelidade nos relacionamentos conjugais no contexto atual, bem como compreender a percepção destas diante de tal fenômeno, buscando atentar por meio de uma análise quantitativa para as principais motivações ou fatores envolvidos. O debate analisou também as proximidades e os distanciamentos na questão dos gêneros em relação à prática, através das experiências infieis e a partir dos principais construtos relacionados à satisfação sexual e conjugal dos participantes.

Assim, pôde-se constatar que, mesmo optando por não seguir um caminho onde preditores e causas fossem elencadas, questões importantes ligadas ao fenômeno da infidelidade foram observadas, com destaque para as atreladas à conjugalidade, aspectos ligados à satisfação, sexual e conjugal, crenças prévias e pensamentos sobre o fenômeno e suas práticas, além da própria modernidade e seus reflexos nos relacionamentos e a questão do sexo facilitado.

Mesmo que as correlações indiquem uma afinidade importante entre os níveis de insatisfação e a infidelidade, o contexto atual e a facilidade com que a informação e o mundo virtual se propagam e invadem as relações também representam um importante fator. O que se quer salientar a partir disto é que mesmo estando satisfeito em seus relacionamentos, sujeitos podem sucumbir a um caso extraconjugal devido a forma como este se apresenta em suas vidas, cotidianos e experiências, ainda que estejam satisfeitos conjugal e sexualmente.

Referências

- Afonso, C. M. C. G. (2011). *Estilo de vinculação e relações extra-diádicas: Satisfação relacional e atitudes como mediadoras* (Dissertação de mestrado). Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Portugal.
- Alarcão, M. (2002). *(Des)equilíbrios familiares* (3ª. ed.). Coimbra: Quarteto Editora.

- Andrade, L. A., Garcia, A., & Cano, D. S. (2009). Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos. *Psicologia Teoria e Prática*, 11(3), 143-156.
- Ashoori, N., Karajvandani, S. A., & Kokaneh, S. J. (2015). Investigating the relationship between sexual intimacy and quality of life with positive attitudes toward marital infidelity among married women. *International Journal of Humanities and Cultural Studies*, 1, 698-708.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2012). *Resolução nº 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde*. Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado em 08 de junho de 2018, de http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/23_out-versao_final_196_ENCEP2012.pdf
- Cardoso, B. L. A. (2017). *Habilidades sociais e satisfação conjugal de mulheres em situação de violência perpetrada por parceiro íntimo* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, São Luís.
- Cardoso, B. L. A., & Del Prette, Z. A. P. (2017). Habilidades sociais conjugais: Uma revisão da literatura brasileira. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19(2), 124-137. doi: 10.31505/rbtcc.v19i2.1036
- Cardoso, F. L., Martins, C. P., Fávero, K. G., Silveira, R. A., & Souza, R. A. (2009). O impacto da identidade de gênero na auto-avaliação corporal e motora de atletas de ambos os sexos. *Revista Brasileira de Ciência & Movimento*, 17(4), 64-71.
- Cerqueira-Santos, E., Carvalho, C. A. S. G., Nunes, L. M., & Silveira, A. P. (2017). Homofobia internalizada e religiosidade entre casais homoafetivos. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 25(2), 691-702. doi: 10.9788/TP2017.2-15
- Costa, C. B. D., & Cenci, C. M. B. (2014). A relação conjugal diante da infidelidade: A perspectiva do homem infiel. *Pensando Famílias*, 18, 19-34.

- Del Prette, Z. A. P., Villa, M. B., Freitas, M. G., & Del Prette, A. (2008) Estabilidade temporal do Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC). *Avaliação Psicológica*, 7(1), pp. 67-74
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2014). *Psicologia das relações interpessoais e habilidades sociais: Vivências para o trabalho em grupo* (11a. ed.). Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P., Murta, S. G., Cangussú, E. D. A., & Del Prette, A. (2014). Habilidades sociais, stress e violência no namoro. In M. Lipp & V. Tricoli (Orgs.), *Relacionamentos interpessoais no século XXI e o stress emocional* (pp. 150-183). Novo Hamburgo: Sinopsys.
- Duarte, J. P., & Rocha-Coutinho, M. L. (2011). Namorado: Uma forma contemporânea de conjugalidade? *Psicologia Clínica*, 23(2), 117-135. doi: 10.1590/S0103-56652011000200008.
- Falcke, D. (2003). *Águas passadas não movem moinhos: as experiências na família de origem como preditoras da qualidade do relacionamento conjugal* (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Farias, M. A. (1994). *Satisfação e insatisfação no casamento: um estudo quantitativo*. Tese de doutorado não-publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Féres-Carneiro, T., Ziviani, C., & Magalhães, A. S. (2011). Arranjos amorosos contemporâneos: Sexualidade, fidelidade e dinheiro na vivência da conjugalidade. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Casal e família: Conjugalidade, parentalidade e psicoterapia* (pp. 43-59). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Guedes, D., & Assunção, L. (2006). Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). *Revista Mal Estar e Subjetividade (Fortaleza)*, 6(2), 396-425.

- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp.
- Goldenberg, M. (2011). *Por que homens e mulheres traem?* Rio de Janeiro: BestBolso.
- Norgren, M. D. B. P., Souza, R. M. D., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: Uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 575-584. doi: 10.1590/S1413-294X2004000300020
- Rizzon, A. L. C., Mosmann, C. P., & Wagner, A. (2013). A qualidade conjugal e os elementos do amor: Um estudo correlacional. *Contextos Clínicos*, 6, 41-49. doi: 10.4013/ctc.2013.61.05
- Sattler, M. K., Tavares, A. C. C. N., & Silva, I. M. (2017). A infidelidade no relacionamento amoroso: Possibilidades no trabalho clínico com casais. *Pensando Famílias (Porto Alegre)*, 21, 162-175.
- Sbicigo, J. B., & Lisbôa, C. S. M. (2009). Habilidades sociais e satisfação conjugal: Um estudo correlacional. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas (Rio de Janeiro)*, 5(2), 73-81. doi: 10.5935/1808-5687.20090016
- Trindade, R. F. C., Almeida, A. M., & Rozendo, C. A. (2008). Infidelidade masculina e violência doméstica: Vivência de um grupo de mulheres. *Ciência y Enfermería*, 14(2), 39-46. doi: 10.4067/S0717-95532008000200006.
- Trudel, G. (2002). Sexuality and marital life: Results of a survey. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 28(3), 229-249. doi: 10.1080/009262302760328271
- Viegas, T., & Moreira, J. M. (2013). Julgamentos de infidelidade: Um estudo exploratório dos seus determinantes. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 18(3), 411-418. 10.1590/S1413-294X2013000300001

- Villa, M. B., & Del Prette, Z. A. P. (2012). *Inventário de habilidades sociais conjugais*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Whatley, M. (2006). Attitude towards infidelity scale. Geórgia: Valdosta State University.
- Wilson, K., Mattingly, B. A., Clark, E. M., Weidler, D. J., & Bequette, A. W. (2011). The gray area: Exploring attitudes toward infidelity and the development of the perceptions of dating infidelity scale. *The Journal of Social Psychology*, 151, 63-86. doi: 10.1080/00224540903366750
- Zordan, E. P., Wagner, A., & Mosmann, C. (2012). O perfil de casais que vivenciam divórcios consensuais e litigiosos: Uma análise das demandas judiciais. *Psico-USF (Itatiba)*, 17(2), 185-194. doi: 10.1590/S1413-82712012000200002

Estudo III

Relatos e experiências de infidelidade conjugal no contexto contemporâneo

Lais Rocha Santos

Elder Cerqueira-Santos

Recortes históricos são de fundamental importância para se perceber que o fenômeno da infidelidade conjugal é vivenciado pelos sujeitos em suas relações há muito tempo, bem como para se perceber que mesmo na atualidade, após muitas mudanças na forma do ser humano se estabelecer nas relações, o mesmo ainda é experienciado tanto ou até mais do que antes (Duarte & Rocha-Coutinho, 2011; Falcke, Diehl, & Wagner, 2002; Ribeiro, 2010; Wagner & Mosmann, 2011). Ao simples exercício de olhar ao redor, diante da realidade de cada um, é possível identificar pessoas próximas, conhecidas ou desconhecidas, histórias contadas e comentários sobre pessoas envoltas em qualquer tipo de enredo relacional.

Diante disso, Sousa, Santos e Almeida (2009) ouviram cinco mulheres casadas, com idades entre 30 e 38 anos, e que haviam sido infiéis em algum momento de suas relações conjugais. Obtiveram a partir desses relatos dados que possibilitaram uma maior análise do fenômeno por meio de importantes eixos discursivos, tais como a frustração diante da relação, as diferenças de gênero, a culpa e o prazer diante do caso extraconjugal, além da separação enquanto desfecho.

A infidelidade conjugal ainda aparece como o principal motivo das separações no Brasil (Zordan & Strey, 2011) e quando não representa a dissolução da relação, surge como um dos principais problemas enfrentados pelos casais nos tempos de hoje, principalmente considerando que tal fenômeno não é incomum. Pelo contrário, o número de sujeitos que

declararam ter sido infiéis em algum momento do seu relacionamento é bastante expressivo (Almeida, 2012; Goldenberg, 2006).

Assim, a infidelidade conjugal, se analisada sob uma ótica fiel e realista da sociedade, bem como da atual forma com que o ser humano estabelece suas relações, não seria percebida ou considerada incomum. O assunto ainda é tabu e facilmente evitado em diálogos corriqueiros, contudo diante de um olhar mais crítico e ajustado, a infidelidade permeia os relacionamentos interpessoais de forma considerável (Santos & Cerqueira-Santos, 2016).

É justamente a partir desse contato com sujeitos que a vivenciaram de alguma forma, que esse artigo se estabelece, sem qualquer julgamento de valor, sem considerações a respeito do certo ou errado, mas indo de encontro ao que há de intrínseco à vivência do fenômeno e a quem dele se permite. Este artigo se propôs a dar voz a quem não negou ou fechou os olhos aos prazeres e infortúnios de uma relação tipicamente renegada e ao mesmo tempo dicotomicamente ansiada socialmente.

É perceptível que o individualismo hoje é uma das maiores características da sociedade contemporânea ocidental. Essa atitude está diretamente relacionada à forma como as relações se estabelecem atualmente, bem como à forma que se dá a infidelidade conjugal (Castells, 2000; Zordan & Strey, 2010). Essa forma de encarar o mundo precisa ser sustentada de algum modo e o primeiro deles é considerando a lógica do sistema liberal vigente no capitalismo, além da importante era tecnológica e da informação que sucumbe a humanidade.

A lógica do consumo desenfreado e plástico não se restringiu ao material ou aos objetos, ela se aplica assustadoramente também às relações (Bauman, 2004). O que agrada é mantido, o que não mais satisfaz é descartado, o desapego é a palavra da vez e nesse sentido a vivência do amor é afetada, hoje se lida com o que neste há de mais efêmero e descartável. Sendo assim, diante da plasticidade muitas vezes atrelada ao se relacionar, o sujeito se encontra cada vez mais diante de características que sempre evitou, como o fracasso, a

frustração, a solidão e a dificuldade ou inabilidade para lidar com determinadas situações em seus relacionamentos. Características estas que não podem deixar de ser analisadas em conformidade com outros fenômenos aqui já descritos, como o individualismo e plasticidade atual das relações.

Esse processo referente às mudanças imbuídas aos relacionamentos é discutido por Lima e Rodrigues (2014) quando os mesmos analisaram a questão do amor atrelado ao que a modernidade tem representado nas vivências do mesmo. Existe uma dinâmica que considera o que de fundante continua presente no fenômeno, mas não se nega a relação interativa por trás do mesmo e do modo como este se dá. O que foi considerado no passado não se perde, está sacralizado, mas muito do que se vive foi remoldado e resignificado, as formas como se dão as relações de hoje, bem como as formas de vivenciar o amor não são as mesmas de outrora.

Mas pode o olhar para si mesmo ser apenas direcionado ao individualismo ou a efemeridade nos relacionamentos? Questões como a liberdade, satisfação sexual e conjugal, estabilidade emocional e segurança, também são reflexos das mudanças e novas formas do humano estabelecer suas relações. Olhar para si mesmo é descoberta, possibilidade, reflexão.

Costa e Cenci (2014) entrevistaram cinco homens heterossexuais que viveram em união estável pelo período mínimo de um ano e que tiveram pelo menos um caso extraconjugal durante esta relação, buscando analisar principalmente aspectos ligados à motivação para a infidelidade, além de fatores ligados à dinâmica do casal, como atividades sociais e relações com a família de origem. Os mesmos destacaram a complexidade por trás do fenômeno, bem como de fatores ligados à percepção de mundo e da história de vida de cada um.

Assim, neste estudo, buscou-se analisar os aspectos ligados a experiências de infidelidade, tanto a partir dos relatos de sujeitos que foram infiéis ou dos que sofreram com uma infidelidade por parte de seu parceiro no relacionamento conjugal. Foram investigados

ainda a forma como se dão as crenças dos sujeitos sobre o fenômeno da infidelidade conjugal, bem como a percepção e vivência diante desta e suas multiplicidades.

Método

Este estudo promoveu um espaço de reconhecimento e fala de sujeitos que vivenciaram em algum momento de suas vidas em seus relacionamentos a experiência infiel. Sejam estes na figura que comete a infidelidade ou do parceiro traído. Os desfechos seguiram sempre por dois caminhos; o término do relacionamento ou a superação e permanência do mesmo, ainda que com a infidelidade vinda à tona.

Contou-se com a participação de seis participantes que foram entrevistados em diferentes oportunidades e que foram localizados por meio do método de amostragem não probabilística Bola de Neve (*snowball sampling*), ou seja, os próprios participantes indicaram novos sujeitos dentre suas redes de amigos e conhecidos que estivessem dentro do perfil aqui almejado. Por uma questão de ética e sigilo seus nomes foram substituídos por suas iniciais e assim serão apresentados neste estudo no Quadro 1, sendo estes respectivamente:

Quadro 1

Informações sobre os participantes do estudo

Iniciais do entrevistado	Idade	Sexo	Orientação Sexual	Experiência infiel	Profissão
D.S.S	39	Feminino	Heterossexual	- Foi traída pelo esposo	Auxiliar Administrativo
L.M.L	28	Feminino	Heterossexual	- Foi traída pelo esposo	Recepcionista
S.F.R	27	Masculino	Bissexual	- Foi traído pelo namorado; - Foi infiel	Universitário
C.S.L	27	Feminino	Heterossexual	- Foi traída pelo namorado	Secretária
E.A.M	23	Masculino	Heterossexual	- Foi infiel; - Foi traído pela namorada	Universitário
F.B.F	27	Masculino	Homossexual	- Foi traído pelo namorado;	Biólogo

				- Foi infiel	
--	--	--	--	--------------	--

Foram realizadas entrevistas dirigidas, as quais os participantes responderam oralmente às questões ligadas à temática aqui analisada. Por se tratar de um tema que envolve questões íntimas e de foro pessoal, a entrevista teve um objetivo claro – *focused interview* – se prendendo ao relato do entrevistado mediante suas experiências, vivências e observações que os mesmos tiveram a respeito do tema da infidelidade conjugal.

Quanto à forma que o roteiro das entrevistas foi elaborado, optou-se pela preparação de uma lista com tópicos básicos sobre as temáticas aqui discutidas, sendo que a partir desta, questões foram elaboradas também de acordo com o conteúdo dos discursos. É importante salientar que a estrutura se permaneceu nos roteiros, mantendo-se o foco na temática. No entanto, quando necessário, ao longo da conversa perguntas foram acrescentadas com vista a aprofundar determinados conteúdos conforme a fala dos entrevistados. Tais roteiros foram construídos a partir do que se pretendia abordar mediante os objetivos de tal estudo, principalmente no que se refere às experiências vivenciadas pelos sujeitos entrevistados com relação à episódios de infidelidade em seus relacionamentos.

As questões giram em torno de alguns eixos específicos, como a história pregressa dos relacionamentos dos entrevistados, bem como da relação em que foi vivenciada a infidelidade, além de questões como desfecho diante do episódio, resiliência diante do acontecimento inesperado, bem como opiniões e conceitos diante do que tem sido prezado na atualidade no que tange aos relacionamentos. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, sendo os dados coletivos analisados e agrupados por similaridades, encontrando o que os faz divergentes e comuns (Oliveira, 2002). O roteiro utilizado nas entrevistas se encontra em anexo (Anexos B e C).

Os participantes foram ainda informados anteriormente sobre sua contribuição para a pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A), pois neste

documento se encontrava registrado que poderiam participar da pesquisa os sujeitos que manifestassem desejo e disponibilidade, bem como os que estivessem de acordo com a mesma. Estes termos foram impressos e assinados antes da realização das entrevistas. Além disso, todos os sujeitos foram informados sobre a possibilidade de desistência na participação da pesquisa, a qualquer momento durante o processo de coleta de dados, lhes sendo garantido o direito ao anonimato e a confidencialidade, como preconiza as diretrizes éticas pré-estabelecidas para a prática da pesquisa científica envolvendo seres humanos, conforme as resoluções 466/12 e 510/16 CNS (Brasil, 2012). O estudo em questão foi ainda submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Sergipe, sob o número de protocolo 43223915.9.0000.5546.

As entrevistas foram realizadas entre dezembro de 2017 e abril de 2018, respeitando os horários determinados pelos sujeitos. Nenhum deles desistiu ou solicitou interromper as entrevistas, mesmo sabendo que podiam fazê-lo. Além disso, seus nomes reais estão aqui representados por suas iniciais. Dentre os sujeitos entrevistados, três vivenciaram a questão da infidelidade em seus relacionamentos por meio dos parceiros (D.S.S; L.M.L; C.S.L), sendo que destes, dois entrevistados decidiram manter-se na relação, dando continuidade a mesma (D.S.S; L.M.L). Outros três entrevistados contribuíram com relatos que abarcavam a experiência com a infidelidade em suas duas formas; foram traídos em seus relacionamentos, como também haviam sido autores de uma infidelidade, contribuindo assim para a entrevista nestes dois sentidos (S.F.R; E.A.M; F.B.F).

Resultados e Discussão

As entrevistas realizadas com os seis sujeitos foram transcritas e posteriormente seus principais conteúdos divididos em eixos temáticos. Estes, de acordo principalmente com o que de similaridade e divergências apresentavam, através de um processo indutivo, levou-se

em consideração as experiências vividas e relatadas pelos entrevistados. Esse processo contribuiu para uma maior visão e compreensão a respeito dos fenômenos aqui considerados, bem como dos sujeitos em seus contextos.

Tendo como base os principais achados numa análise de publicações nacionais sobre a temática da infidelidade (Santos & Cerqueira-Santos, 2016), optou-se por ter como norte justamente questões e fatores ainda pouco visados e que permitisse ser melhor explorado pelo meio acadêmico. São exemplos disso as possíveis causas e consequências, fatores atribuídos e correlacionados, diferentes contextos e subjetivações que perpassam as vivências dos sujeitos. Assim, foram estabelecidos os seguintes eixos de análise: a) Questões de gênero e relações de poder, b) Questões culturais e sociedade atual e c) Resiliência e o seguir em frente.

Questões de gênero e relações de poder

Este tópico de análise versa principalmente sobre temas importantes que apresentam estreita vinculação aos relacionamentos, são as questões ligadas ao gênero, provenientes de um repertório sociocultural, há muito já reproduzido e que confere ao fenômeno aqui analisado características consideráveis. É sabido que a cultura imprime papéis sociais e cobra pela execução dos mesmos, no entanto, com o avançar do tempo, muito foi sendo repensado e reconstruído a respeito das hierarquias sociais e das relações de poder (Araújo, 2005).

Ao se refletir a partir desta ótica, tem-se a possibilidade de enxergar as relações de poder enquanto passíveis de mudança, não estáveis e que a desigualdade entre sujeitos em suas relações foi construída. Segundo Costa, Silvera e Madeira (2012), seria impossível considerar uma sem a outra, pois as relações de poder estão ligadas as relações de gênero, e as relações sociais estão permeadas e encobertas pelas diferenças construídas entre masculino e feminino. Esse pensamento pode ser claramente identificado nas seguintes falas da Entrevistada D.S.S:

“Eu acho assim, tudo pra mulher é mais difícil, hoje a gente tem uma sociedade que critica muito e o homem trai você já pensa assim, o homem traindo, pra ele não fica mal ele trair, pra eles é normal, isso que a sociedade plantou na cabeça deles que é normal o homem trair. Normal a traição do homem, mas a da mulher não, a mulher se ela trair ela vai ser sempre taxada, como aquela mulher traiu aquele homem, ela vai perder a confiança” (D. S. S.).

“Aquilo é um estímulo pra ele, trair. Ele tá se achando, se renovando, porque ele tá sempre com a mulher dele, aí acha uma na frente que da bola a ele, vai sair com ele, vai ter relação com ele, ele tá se achando o bambambã. Então eu acho isso, ele precisa daquilo no momento pra ser valorizado, como se ele dissesse assim, a minha de casa já me valoriza, então eu preciso que as de fora me valorizem, eu acho que eles precisam disso, muitos procuram por isso e outros não procuram não, o destino que coloca no caminho deles” (D. S. S.).

Para a sociedade, o comportamento dito masculino ainda é valorizado e visto muitas vezes em detrimento dos femininos, a um é permitido, enquanto ao outro, é negado (Serpa, 2010). Mas esse movimento vivenciado diariamente ainda é pouco debatido, tais diferenças são suprimidas e se segue o curso da supervalorização de apenas um dos lados, como fica evidente na fala da entrevistada a seguir a respeito da relação com seu companheiro:

“(...) quando ouvia alguém falar, olhe fulano traiu fulano, ele achava normal, desconversava, às vezes dizia é, que, que aquilo era normal, que o homem diz, como é o ditado que eles dizem, que a carne é fraca, entendeu?” (D. S. S.).

Outra questão que aparece ainda enquanto manifestação do machismo muito presente na sociedade atual, é a misoginia, através da qual a mulher aparece objetificada sexualmente e muitas vezes denegrida moralmente. A violência e a discriminação aparecem de variadas formas neste contexto, muitas vezes velada e disfarçada, mas a mulher segue sendo oprimida, desvalorizada, subestimada e representada por estereótipos cruéis (Silva, 2010).

“Sim, eu creio que seja mais complicado pro homem e eu sou suspeito pra falar, porque eu não tenho uma percepção feminina, mas eu como homem, na minha percepção é bem mais difícil porque a pressão é grande, porque você tá num

relacionamento e aparece uma menina super gostosa pra você ficar, dar em cima de você aí você fala ah mas eu tenho namorada, aí os amigos vão falar: você vai deixar de pegar a menina e tal... pra mulher pode até ser besteira, ah você apenas ignora o que eles estão falando, mas não é apenas ignorar o que eles estão falando, a pressão é grande e gera frustração, você se sente mal, infelizmente você se sente menos homem, é chato falar isso, mas é o que acontece infelizmente” (E. A. M.).

“(...) a gente não é necessariamente culpado por isso, é que a gente vai aprendendo, infelizmente a gente é julgado no mundo e vai aprendendo o que tá acontecendo, então eu acho que existe uma pressão maior, até porque a mulher geralmente se ela não quiser ficar com ninguém, ah tudo bem, ela não quer não fique, ela quer se preservar enfim, e pro homem não, se ele não quiser ficar ele é veado, ele é frouxo, enfim, acho que os homens que querem ser fieis, que vão ser fieis tem um certo sofrimento com isso no meio dos amigos, eu tenho isso por experiência também” (E. A. M.).

Com o machismo e a misoginia, ao longo do tempo foram associadas às mulheres características de passividade e docilidade, estereótipos estes que não permitiam posições de maior destaque social e poder, por exemplo, em face de um ideal de agressividade, capacidade e força atribuídas ao gênero masculino, que facilmente os colocava em um patamar superior. Para Lago, Toneli, Beiras, Vavassori e Müller (2008), o processo de dominação estava tomado. A masculinidade é manifestada através de uma liberdade em vários setores, principalmente nas relações e relacionamentos.

No entanto, as contribuições do feminismo da segunda onda (1960–1980) foram de grande importância, além de responsável por questionamentos, mudanças e transformações no pensamento e práticas sociais a esse respeito (Castells, 1998; Giddens, 1997; Pierre & Bourdieu, 2007). Hoje no atual contexto social já se consegue vislumbrar certa recusa diante da ideia de hierarquização dos parceiros pelo gênero, porém essa prática ainda é bastante percebida no dia a dia, principalmente quando estão em voga algumas culturas, costumes e padrões de vida. Como fica evidente nas seguintes falas:

“(...) isso é do instinto do homem mesmo, de trair e não ligar na hora, só pensar no prazer dele, não pensar na gente, talvez depois até se arrepende, mas na hora só pensam neles, não podem ver uma mulher tão se achando” (D. S. S.).

“Tinha sim, de ser mulherengo, como toda vida. Só que aí, fazer como diz a história, eu via e fingia que não via. Porque gostava né, achava que era o único que tinha, aí nem ligava” (L. M. L.).

Como Stoller (1993) explica, a questão da cultura e das ideologias tem grande importância, bem como os fatores que a permeiam devem ser levados em consideração quando se fala nas questões de gênero, pois só assim um vislumbre de mudança poderá ser conquistado. Sabe-se que esse processo não ocorre de um dia para o outro, trata-se de uma luta constante, que tem como objetivo o fim da opressão, da dominação e da exploração das mulheres, seja ela velada ou não, mas que de alguma forma garanta a igualdade de oportunidade com o gênero masculino.

Um dos maiores desafios diante dessa perspectiva de mudança e maior igualdade foi bastante percebido no conteúdo das entrevistas e relatos dos sujeitos, é o caso da subordinação feminina vista a partir de um viés de submissão, extremamente relacionada com o sistema patriarcal, das relações de poder e muitas vezes relacionada com o mecanismo da transgeracionalidade.

“Eu falo, eu só faço dizer assim, que um dia você vai me pedir perdão, porque quem seria eu pra dizer a você que não tô fazendo? A vida toda eu digo que nunca fiz nem penso, e você só me critica, então quem sou eu né, pra te dizer alguma coisa. Mas um dia você vai me pedir perdão por tudo isso que você me disse” (L. M. L.).

É bastante notório no relato dos entrevistados, o quanto determinados padrões de comportamento, atitudes e pensamentos eram comuns em seus familiares, gerações e muitas vezes bem aceitos em seus meios. A transgeracionalidade diz justamente sobre isso, a respeito de uma transmissão da vida psíquica entre as gerações nas famílias, informações, crenças e formas de agir, por exemplo.

“É sempre assim, depois volta, passa um tempo bom, aí começa tudo de novo, várias vezes, eu nem conto às vezes que a gente já se separou nesses nove anos” (L. M. L.).

“Alguns, o pessoal de lá, alguns são assim, a maioria das pessoas que ele anda são todos assim” (L. M. L.).

A realidade, mesmo não sendo satisfatória, como muitas vezes é o caso de um relacionamento onde ocorre um ato de infidelidade por parte de um dos parceiros, finda sendo aceita, pois esse tipo de acontecimento se mostra “comum” em determinada comunidade ou contexto social. Muitos sujeitos compartilham da mesma história e vivenciam tal realidade em suas relações. Há algo de comum no processo de construção das subjetividades individuais, que implicarão, por conseguinte, nos vínculos familiares, relacionamentos interpessoais, entre outros. São filhos que viram seus pais passarem pelo mesmo, que por sua vez viram seus pais e/ou seus avós, e tais vivências seguem sendo repetidas sem grandes questionamentos acerca disso.

“(...) a única pessoa que disse isso foi minha mãe. Que não deixe seu marido não, por causa de uma traição... ela usou outras palavras que não vou falar quais foram, mas ela disse, você vai acabar seu casamento por causa disso? Deixe de ser besta, não acabe não, não de mole a ele, mas também não acabe seu casamento não, por causa disso não” (D. S. S.).

Apesar desse caráter transmissor que perpassa gerações, não significa que modelos e padrões de comportamento estejam engessados socialmente, pelo contrário, mudanças e transformações são comuns, mas os trajetos que levam a estas costumam ser longos e árduos. Sawaia (2014) discute que as mudanças são resultados de três instâncias importantes: o pensar, o sentir e o agir. O resultado desse processo tem impacto justamente nas relações de produção, na política, em suas formas de dominação e principalmente nos processos de subjetivação do homem.

Nas seguintes falas, a questão das mudanças de pensamento ao longo do tempo, bem como de importantes transformações sociais e suas implicações nos relacionamentos ficam bastante evidentes:

“Então eu acho que no tempo de mãe, eu não suportaria mesmo não, duas, três, quatro traições e ficar sabendo e numa boa, e sem contar que naquele tempo as traições eram com pessoas conhecidas, do convívio da gente, entendeu? Que a decepção ainda é maior, porque você já ser traída, já é uma decepção, e você ser traída por uma amiga, por uma cunhada, como foi o caso de mãe e ainda permanecer, entendeu? Pessoas tão próximas de você, você é traída duas vezes, então é difícil” (D. S. S.).

“(...) é que eu sempre dei muita liberdade pra ela falar o que ela queria, o que ela sentia, como eu via que ela era um pouco presa e eu já sempre fui um pouco mais liberto quanto a isso” (S. F. R.).

A determinação social está intrinsecamente ligada à alienação, dificultando as ações singulares dos sujeitos, porém não é forte o suficiente para eliminar tal questão dos processos e transformações sociais.

Questões culturais e sociedade atual

É praticamente impossível discutir as relações e modos como elas se dão, sem considerar o contexto onde estão inseridas e fatores que as influenciam diretamente. Sobre isso, surge a necessidade de abordar nesta análise o sistema patriarcal, que se refere ao modo de dominação masculina na sociedade, onde a figura masculina aparece enquanto superior na vida social e sua organização. Esse prospecto não aparece somente no âmbito dos relacionamentos, visto que o patriarcado abarca instâncias como a exploração da classe trabalhadora, que só reafirma e contribui para a exploração e conseguinte dominação sobre a mulher (Millet, 1970; Scott, 1995).

Tal apropriação de lógica e valores do patriarcado, segundo Santos e Oliveira (2010), beneficia o sistema do capital, que por sua vez se beneficia da opressão que é vivenciada pelas

mulheres, seja do ponto de vista ideológico, como por meio das reproduções sociais, do papel conservador da família e dos papéis que são incorporados a mulher. A opressão e dominação masculina que se reflete no social, ficam bastante evidentes nos relatos da entrevistada a seguir, como se pode observar:

“Tem casos que se a mulher teve um relacionamento e ela traiu o parceiro, às vezes você chega mais na frente, aquele relacionamento não deu certo, e ela vai ficar com outro rapaz, e esse souber que ela traiu o primeiro dela, esse rapaz já não quer mais ela. Já com o homem é diferente, o homem pode trair a esposa, viver mais de dez anos com ela, trair e chegar mais na frente ele vai ter um relacionamento com outra mulher e ela não vai estar nem aí, então tem essa diferença, que a sociedade criou, botou na cabeça dele e hoje ela é o que vale, mas a falta de respeito é a mesma para o homem tanto para a mulher” (D. S. S.).

“Uma coisa que ele não gosta, ele chega do trabalho quarta à noite, se ele chegar na quarta a noite e não me achar em casa, a não ser que eu esteja em algum lugar assim, que eu tenha ido num médico, que eu esteja fazendo alguma coisa, mas por exemplo, se eu estiver na casa de mãe, na casa de uma irmã, de alguma coisa, ele não gosta. Aí ele chegar e não me encontrar em casa... onde é que sua mãe tá? Aí isso já é motivo pra ele se estressar porque ele vai chegar e eu não tô em casa” (D. S. S.).

No sistema patriarcal, a dominação e opressão se dão de diversas formas perante a mulher, mas faz-se aqui um destaque aos âmbitos afetivo e sexual. A legitimação do comportamento infiel masculino, diante da liberdade que o patriarcado lhe proporciona, garante a repetição de tal comportamento. Machado (2000) destaca que esse movimento se apresenta de forma bastante fixa, com uma rigidez considerável na forma com que este se mostra aos sujeitos sociais, como um caminho válido a ser seguido, sendo os sujeitos responsáveis por sua própria legitimação. Isso mostra que a diferença sexual e a hierarquia se encontram naturalizadas socialmente.

Mas, apesar disso, Machado (2000) ainda faz ressalvas importantes no que concerne à esta perpetuação e engessamento do patriarcado, principalmente quando se olha para o mesmo por meio de um viés contemporâneo. O mesmo não segue intocável e imutável diante das atuais relações sociais e formas de se dar, tanto na esfera privada, quanto na pública. A

mesma afirma que ainda se nota o que chama de persistência hegemônica, no que tange à dominação masculina, mas que questionamentos quanto a isso são notórios, principalmente motivados pelos ideais dos direitos individuais à igualdade e liberdade. Importantes mudanças de pensamento, motivadas pelos movimentos e pela luta das minorias, tão característicos do mundo contemporâneo são fortes fatores influenciadores nesse sentido, como fica evidenciado nas falas abaixo de um dos entrevistados.

“Eu acho que essa ideia de mulher submissa e o homem patrão já foi pacificada há muito tempo, eu acho que a mulher ela, eu acho bonito mulher que tem atitude, eu acho bonito o homem que sabe enxergar a mulher como mulher, uma pessoa de autoridade, que possa ter um lugar na relação, não somente o lugar de mulher na hora da cama” (S. F. R.).

“Apesar disso, meu meio social sempre foi muito aberto, eu sempre estudei em colégio público, porém colégios que permitia construir essa perspectiva, de aceitar as diferenças, de aceitar que as pessoas são diferentes, religiões, cada um tem sua sexualidade, cada um tem seu gênero, cada um tem suas particularidades” (S. F. R.).

“Eu brinco direto com isso, porque eu digo direto que eu era uma daquelas pessoas que estavam presos naquele quadro, a alegoria da caverna, porque realmente quando eu me libertei de fatores externos, de religião, ideologias religiosas, que me aprisionavam, e aprisionavam mesmo, eu comecei a ter uma visão mais ampla de tudo, uma visão mais ampla, real, então acho que cada um tem sua visão, cada um se constrói naquilo que se permite, cada um tem pra si na vida aquilo que permite ter, então a minha visão hoje em dia sobre aborto, um exemplo, é completamente diferente de dez anos atrás” (S. F. R.).

Ainda que na atualidade, a mulher já vislumbre e busque vivenciar sua realidade de acordo com seus interesses e visão de mundo, sem precisar de consentimento ou autorização de um homem, por exemplo, ainda existe uma parcela significativa de mulheres que se mantém presas às imposições patriarcais. Estas são principalmente, segundo Fischer (2001), submissas à família e a Igreja, maiores instituições que ainda conseguem impor aos sujeitos na vida em sociedade o que é certo e o que é errado, o que deve ser considerado como aceitável principalmente para a mulher, seus papéis e atribuições, conferindo destaque

especial ao casamento e à obediência a padrões de comportamentos e a valores de uma moral que são estabelecidos e mantidos durante diversas gerações.

Sobre a questão do ciúme no relacionamento, para Costa (2005) as reações causadas pela ameaça de uma terceira pessoa na relação, um rival real ou não, caracterizam tal fenômeno. O ciúme e a infidelidade são dois temas bastante inquietantes quando se vive uma relação amorosa. Sabe-se que muitos são os fatores que contribuem para a estabilidade desta, no entanto, não se pode deixar de considerar o impacto dessas duas questões na vida a dois, principalmente quando este ultrapassa os limites do aceitável ou considerado saudável numa relação, como por exemplo, os seguintes relatos:

“(...) ele era muito ciumento, questão de, porque assim, antes da minha caminhada religiosa eu gostava de andar de roupa curta, então ele tinha ciúmes, brigava e era só namorado, imagine. Brigava, ficava sem falar comigo e era aquela coisa toda. Não podia ter amizade” (C. S. L.).

“(...) ele acha que atrapalha né, o meu. Mas o dele não, acho não, tenho certeza. Agora o meu pra ele atrapalha. (...) Diz que eu conheci mais pessoas, que eu tô indo pela cabeça dos outros, que eu não sou a mesma pessoa, que eu trabalho e ele tá achando que eu tô, me achando independente, muita coisa (...) que eu chego cansada, que só presto pra dormir, que não ligo pra ele, que não ligo se tenho marido, se tenho filha, que não sei o que, um monte de coisa. (...) Que eu não ligo pra ele, que eu não procuro ele, ele acha que eu não procuro ele” (L. M. L.).

“(...) só que depois de um tempo que a gente começou a morar junto, ele começou a mudar, ficar possessivo demais, ciumento demais, eu não podia olhar pro lado, até as minhas próprias amigas ele tinha ciúmes” (F. B. F.).

Ainda sobre o ciúme, este é sem dúvidas uma das maiores causas de desentendimentos entre os casais e tal fato representa um ponto importante quando se analisa a satisfação conjugal. O comportamento do sujeito ciumento pode variar indescritivelmente, dos níveis mais básicos até mesmo aos mais perigosos, tornando muitas vezes o relacionamento abusivo.

É inegável a existência de um modelo relacional, atribuído aos relacionamentos que são considerados “saudáveis”, um tipo de ideal que deve ser vivido. Este ultrapassa questões

básicas para o bom desenvolvimento de qualquer tipo de relação social, como o respeito, a empatia, o afeto, a comunicação, a confiança, entre outras características. Caso atitudes e comportamentos negativos estejam em destaque sobressaindo-se na relação, o mesmo passa a ser afetado por tais características não desejáveis, tornando-se disfuncional, fugindo do ideal socialmente almejado.

Ao se considerar pontos já discutidos neste tópico de análise, é possível perceber que muitas das relações estão permeadas de construtos não desejáveis, negativos ou disfuncionais. Logo, na sociedade atual e no âmago dos relacionamentos, o padrão idealizado socialmente estaria mais para exceção do que para a regra, o que traz à tona o caráter emergencial com que algumas discussões precisam ser feitas e difundidas.

“Chegou um homem pra mim uma vez e falou, você não merece não, sofrer como você tá sofrendo. Fulano de tal tá com três mulher, ele disse a mim. (...) Disse, e eu tive certeza porque eu também ouvi da boca da mãe dele, que ele tava com três mulheres, ficando tipo uma hoje, uma amanhã, como se tivesse três namoradas” (L. M. L.).

“(...) ele chegou a me bater e tudo mais, até numa praia uma vez, na frente de tantas pessoas, a mãe dele viu, brigou, a minha mãe soube, ele foi lá pedir desculpa, que não ia se repetir, mas houve muitas vezes” (C. S. L.).

“Muito, muito do tipo de querer agarrar a força mesmo, mas graças a Deus sempre chagava alguém, ou meu irmão chegava, avó, sempre, porque eu não tinha forças pra ele né, tinha forças pra ficar lutando, mas não pra evitar. (...) Sim, queria forçar mesmo, de querer tirar a roupa e tudo, era horrível, um perigo mesmo” (C. S. L.).

“Várias conversas eu peguei, de homens com ele e esse beijinho no final, até que teve um dia que a gente quebrou o pau quando terminou e ele falou, você é um otário, eu lhe trai diversas vezes, e você é um otário que sempre me quis de volta, me disse que eu fedia, ah me falou tanta barbaridade” (F. B. F.).

Os relacionamentos abusivos foram descritos inicialmente como relacionamentos que haviam a presença de situações vistas como violentas, baseando-se nas referências estrangeiras que já abordavam a temática. Conforme descreveu Sousa (2017), foi a partir de 2014 que o termo ganhou mais adesão, tornando-se não apenas sinônimo para relações

marcadas por aspectos violentos, mas também ganhando novos significados, seguido de uma maior preocupação em se discutir o que vem a ser uma relação abusiva. De toda forma, a disseminação *online* por meio de sites, *hashtags*, *blogs*, campanhas e rede sociais são notáveis, onde a maioria das mulheres se reúnem de alguma forma para relatar, divulgar e demonstrar alguma forma de apoio a outras que podem estar vivendo a mesma situação.

A infidelidade conjugal muitas vezes se encontra presente na trama de conflitos que ocorrem num relacionamento dito abusivo. Geralmente nessa modalidade o respeito ao cônjuge é questionável e a infidelidade não aparece como algo que ocorre ou que é fruto de alguma insatisfação, por exemplo. Nesse tipo de relacionamento é possível perceber certa dominação e naturalização do comportamento dito disfuncional ou negativo, uma intenção em diminuir o parceiro, na grande maioria das vezes parceira, baseados principalmente num retrato social que permite essa realidade considerada machista e misógina.

“Não, a gente não tinha relação muito aberta não, de tipo desabafar, de ser muito amigo não, até porque ele era uma pessoa muito... bruto, difícil, muito difícil” (C. S. L.).

“(...) eu não conseguia ser eu perto dele, eu não podia me comunicar com as pessoas, eu não podia interagir com as pessoas, porque todo mundo me queria ou eu queria o povo, então eu nunca consegui ser eu de verdade” (F. B. F.).

“(...) ele era uma pessoa muito grossa, ele conversava com você era te xingando, o carinho que ele me dava no início era me xingando, mas eu conseguia entender que aquilo era dele, e que era a forma de carinho” (F. B. F.).

As violências em muitos casos se ocorrem motivadas principalmente por meio de ações de cunho sentimental e emocional. Mexem com o que de mais vulnerável se apresenta no parceiro, perpassam por violência psicológica e formas de controle. Uma possessividade que pode ser confundida por este como sendo uma atitude baseada em carinho e afeto, quando na verdade se baseia muitas vezes em obsessão e até mesmo em comportamentos doentios. É difícil ainda para muitos sujeitos se perceberem e identificarem seus relacionamentos

enquanto abusivos seja pelo lado afetivo envolvido, quanto pelo que é difundido socialmente e transmitido através da transgeracionalidade (Souza & Ros, 2006).

Resiliência e o seguir em frente

A resiliência é um conceito relativamente novo na Psicologia, mas sabe-se que durante muito tempo se pensou nesse fenômeno como uma forma de invulnerabilidade dos sujeitos diante das situações. Que algumas pessoas seriam capazes de atingir um estado de bem-estar constante e que estas não seriam afetadas por problemas e dificuldades, por exemplo. No entanto, o conceito de resiliência não diz respeito a tais capacidades utópicas. O ser humano em sua natureza afetável não está imune as infelicidades e infortúnios da existência. Assim, tal fenômeno pode ser considerado comum e atrelado ao desenvolvimento de todo sujeito (Masten, 2001).

“Não, não foi, desde o início foi ruim, a única coisa boa foi a experiência de saber onde, em que terreno to pisando, pra uma próxima vez entendeu, questão de adquirir experiência mesmo, é a única coisa que eu não me arrependo desse relacionamento, porque me deu maturidade, não só nisso, mas em outras coisas também, o que eu quero pra minha vida” (C. S. L.).

Diante de um acontecimento traumático, como pode ser considerado um ato de infidelidade e ser traído pelo parceiro, muitas são as respostas e formas de lidar com que cada sujeito encontrará para suportar e reelaborar tal situação em sua vida. Não existe um modelo ou caminho pronto a ser seguido, não existe reação adequada ou esperada, cada um agirá de acordo com o que tem de conteúdo interno e subjetivo, em conjunto com influências do meio externo e social que vivencia. Assim como muitas pessoas conseguem dar seguimento em suas vidas sem maiores prejuízos, outras já são mais afetadas pelo impacto da adversidade que se abate sobre ela e sua realidade.

No caso de um relacionamento amoroso, é comum que o casal represente um para o outro um porto seguro, um alicerce sobre qual se apoiar quando algo não vai bem. Quando essa base é danificada e o que outrora significava apoio e confiança rompe com essa proposta, as consequências e impactos negativos podem ser imensuráveis.

“(...) foi mais intenso ainda o término, bem mais complicado sabe, eu ouvi palavras que me machucou bastante, mexeu muito com minha autoestima, eu fiquei bem abalado com tudo que eu ouvi dele, diversas coisas que não quero nem comentar, porque são palavras que eu tenho até vergonha de dizer, muito, muito mesmo” (F. B. F.).

No entanto, ao se considerar justamente a gama de ressignificados de qual o ser humano é passível de se submeter, para Hollis (2006) a infidelidade pode ser vista também por um viés positivo, constituindo uma oportunidade do sujeito de reexaminar a própria vida, uma espécie de convocação, que se analise o estado atual vivenciado, um resgate de fatores internos, psíquicos, assim como também externos, ligados ao social, às relações e formas com que estes se posicionam diante delas. É perante esse resgate e mediante um ato de infidelidade enquanto gatilho, que surgirá a importante decisão sobre o futuro do relacionamento, ou seja, o rompimento do contrato relacional, embora certamente cause sofrimento, poderá representar o fim ou um novo recomeço para os sujeitos envolvidos.

“(...) hoje em dia a minha concepção é, de traição mesmo a ponto de terminar é completamente diferente, antigamente qualquer coisa terminava, qualquer coisa eu virava as costas e ia embora, era desligado né, não tinha raiz construída em relacionamento nenhum, mas com o tempo a agente acaba construindo e eu acho que isso que vale a pena, você pensar nos pós e nos contras, ah teve infidelidade? Teve, mas será que isso é o bastante pra separar? Será que isso vai me fazer bem, vai me fazer mal?” (S. F. R.).

“(...) eu acho que as pessoas têm que entender que trair não é matar, não é você cometer um homicídio, você pode sim machucar alguém, se machucar como foi o meu caso, mas não é o fim do mundo, e não pode ser considerado, porque se em todas as relações eu considerar uma traição um fim do mundo, como chave pra um possível término ou não, então eu vou ficar frustrado, sozinho ou pulando de galho em galho,

sem ninguém, e vai chegar um momento que vou ficar sozinho, infeliz então eu acredito nisso, que traição não é o fim, não pode ser visto como um fim” (S. F. R.).

“(...) e eu só desejo felicidade sabe, não desejo mau nenhum, eu acho que, eu acredito muito na lei do retorno, se a vida achar que ele merece passar pelo que passei, se não já passou, se essa depressão realmente já não foi isso, mas a vida que vai se encarregar, eu só quero seguir em frente e tô seguindo em frente graças a Deus (...), mas to bem graças a Deus, olhe tô falando essas coisas e tô bem, porque antes eu falava e já tava desesperado” (F. B. F.).

Outro ponto que aparece na fala dos entrevistados e que pode ser visto atrelado à questão da resiliência, bem como enfrentamento e superação de um ato de infidelidade é a religião. Esta representa uma grande influência no contexto social e nos relacionamentos interpessoais. Essa influência perpassa tais esferas e chega a níveis mais íntimos, como o namoro e casamento. As práticas religiosas implicam muitas vezes em enraizamento de costumes, pensamentos, crenças, normas que promovem comportamentos, a reprodução e aceitação dos mesmos. Baucom (2001) confirmou essa visão quando afirmou existir uma relação considerável entre a religião e a ciência dos relacionamentos, bem como sobre a necessidade de maior explanação e interesse científico que buscassem explorar a forma como questões da vida religiosa podem ter relação com aspectos referentes à dinâmica familiar ou do casamento.

Em sujeitos para os quais a religião e seus métodos aparecem mais fortemente imbricados em suas realidades, é possível que estes apresentem uma maior flexibilidade em lidar com certas dificuldades na relação, como a questão da infidelidade. Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt e Sharlin (2004) apontam que a forma como o sistema de crenças das religiões age nas relações interpessoais, promoveria maior facilidade, uma espécie de apoio para que os casais enxergassem o casamento como um compromisso. E assim sendo, esses casais seriam um para com o outro uma fonte de apoio para os momentos de crise que colocassem esse compromisso à prova, reforçando assim as expectativas de permanência do relacionamento e superação da infidelidade.

“(...) eu, por exemplo, no caso do matrimônio não é qualquer coisa, então do mesmo jeito que você planeja uma vida, que você une ali dois corpos diante de Deus, então separar pra mim é uma coisa muito delicada, então depende muito, do grau da situação, eu acho que vale a pena lutar até o último instante, até quando não der mesmo. Agora em outros casos não, namoro foi feito pra terminar, se não começou certo não tem como terminar certo, dar certo, então pra mim é assim” (C. S. L.).

Por outro lado, se faz necessário um adendo quanto a este tópico, pois se percebe a religião enquanto grande instituição social que se apresenta de uma forma a perpetuar muitos valores e comportamentos de base tradicionalista e que remetem a padrões considerados machistas. A reprodução de muitas desigualdades se dá diariamente na vida das pessoas e em seus contextos, condutas são influenciadas e assim reproduzidas sem o menor senso crítico. Para Souza (2008), a religião consegue sacralizar a hierarquia dos sexos e tornar sólidos e enrijecidos os papéis socioculturalmente construídos.

Em muitas religiões ainda é possível se observar a predominância e a supremacia do masculino sobre o feminino, mas até mesmo uma grande instituição social como a religião não está imune às mudanças que ocorrem no contexto social onde se inserem. Atualmente algumas mudanças já ocorrem, a mulher já passa a ter mais espaço dentro do meio religioso, a emancipação da mulher já é algo que se vive, mesmo nas religiões mais tradicionalistas como é o caso da igreja Católica. Um discurso mais inclusivo começa a aparecer e reflete mais igualdade entre homens e mulheres, bem como de seus papéis na sociedade e nos relacionamentos.

Considerações finais

Este estudo analisou de forma qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas com sujeitos que vivenciaram em seus relacionamentos conjugais o fenômeno da infidelidade. O mesmo foi colocado sob a égide de como este se apresenta e é visto pelos sujeitos que o

vivenciam a partir de uma atitude de reflexão na relação que se estabelece entre tais sujeitos e o mundo num contexto social.

A todo momento, buscou-se evocar o caráter subjetivo e múltiplo do fenômeno aqui considerado, além de muita cautela para que esta análise não fosse de encontro a qualquer tipo de julgamento ou juízo de valor tão comumente percebidos no decorrer cotidiano, ainda mais ao se debruçar sobre narrativas pessoais, que contam sobre uma das coisas mais íntimas e secretas que se pode vivenciar num relacionamento conjugal. A infidelidade enquanto fenômeno relacional e social aparece aqui neste sentido. Não existem vilões ou culpados a serem identificados, mas pontos importantes no que tange ao melhor entendimento de tal comportamento, de uma atitude que se mostra tão avessa ao que tem sido propagado ao longo do tempo sobre os relacionamentos amorosos e conjugais.

Muito se pode absorver por meio dos relatos aqui analisados, mas cabe um destaque especial à discussão a respeito do machismo que é ainda hoje tão impregnado nas relações e vivências conjugais, resultados de uma sociedade firmada no patriarcado, que ainda se fomenta em misoginia e desvalorização da mulher. Dessa forma, os dados aqui levantados ilustram o debate já realizado na literatura nacional e internacional sobre essa temática (Alambert, 1986; Godelier, 1982; Millet, 1970; Scott, 1995). Mas, salienta-se ainda que, diante da força da mulher, do crescimento do feminismo e da luta pela igualdade de gênero, já se faz possível vislumbrar e perceber importantes mudanças no que tange ao modo como se dão os relacionamentos hoje.

Destaca-se ainda, que o machismo e o patriarcado têm grande relevância na análise em questão, mas que diante da multiplicidade de fatores e subjetividade atrelada ao fenômeno da infidelidade, os mesmos não explicam tudo. A infidelidade feminina, por exemplo, envolta em questões de experimentação, autonomia e independência (Arent, 2009), bem como a infidelidade virtual, permeada de um contexto não físico, uma aproximação não real, uma

situação facilitada pelo contexto atual (Haack & Falcke, 2013), são formas de infidelidade que não decorrem em primeiro plano a partir de influências machistas.

Atualmente, a satisfação, seja ela conjugal ou sexual se mostra de forma muito mais impositiva na vida das pessoas, passando a ser vista e considerada. A vontade do sujeito tem seu espaço, seus desejos, suas vontades e a realização destes. Nos relacionamentos, questões que de algum modo não se mostram satisfatórias tendem a ser identificadas e discutidas, de forma que o olhar para si mesmo é também o olhar para o outro na vida a dois. Mas partindo-se da multiplicidade e subjetividade envolvida nos fenômenos aqui analisados, nem sempre a insatisfação predispõe um ato de infidelidade, sendo possível perceber que a entrada de uma terceira pessoa num relacionamento monogâmico não se reduz apenas ao fato de se estar insatisfeito com o mesmo.

No contexto atual, a questão da satisfação ganha novos contornos, as oportunidades se encontram mais facilitadas, o mundo mais erotizado, dotado de autoestimulação em muitos sentidos, onde a relação e o envolvimento sexual também são atingidos por essa onda contemporânea. Bauman (2004) já advertia quanto a uma plasticidade que chega e permeia as relações, da rapidez com que laços são formados e desfeitos, muitas vezes na velocidade de um clique ou do fechar de uma aba, como no contexto virtual. A prática sexual se encontra ainda mais facilitada, o contexto virtual e a rapidez das redes e aplicativos têm contribuído para tal.

A infidelidade conjugal é vista, é notada e percebida socialmente, apesar de seu viés de segredo e intimidade. As pessoas crescem vendo e ouvindo histórias sobre isso, casos e exemplos, sejam em suas casas, famílias ou círculos mais próximos. Apesar de ser considerado algo que fere um contrato social, de estar envolvido em uma aura tida como erro ou ato negativo, o infiel existe e o extraconjugal é vivenciado corriqueiramente.

Essa perspectiva diz muito sobre o caráter transgeracional que também foi identificado na fala dos entrevistados, mas faz-se aqui um destaque justamente para a mudança de pensamento que tem ocorrido principalmente nos últimos anos. Uma mudança importante no que diz respeito à forma como as gerações passadas encaravam a infidelidade, que se coloca de uma forma bem diferente nos dias hoje, o fenômeno toma outra dimensão e o que antes era aceitável e parecia muitas vezes imutável, hoje já é visto com maior criticidade.

Além disso, é possível perceber que a forma como cada um vai lidar com a infidelidade conjugal ao se deparar com tal fenômeno em seu relacionamento é muito subjetiva. Em tempos de geração líquida, há os que sejam violentamente afetados pela infidelidade do parceiro, enquanto outros consigam mais facilmente partir para um novo relacionamento ou manter-se no mesmo sem maiores prejuízos. Por fim, ainda diante do fenômeno aqui analisado, considera-se que o estabelecimento de causas e preditores é um caminho muito perigoso, diminuto, que acaba por reduzir a multiplicidade de questões e fatores envolvidos. De certo, alguns pontos apresentam bastante relevância na discussão, como é o caso da satisfação, do contexto social e da forma como se dão as relações atualmente, mas o mundo contemporâneo em sua multiplicidade de informações, estímulos e novas formas de se relacionar mediadas muitas vezes pelo meio virtual, devem ser considerados.

Referências

- Alambert, Z. (1986). *Feminismo: O ponto de vista marxista*. São Paulo: Nobel
- Almeida, T. (2012). O ciúme romântico atua como uma profecia autorrealizadora da infidelidade amorosa? *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(4), 489-498. doi: 10.1590/S0103-166X2012000400004.

- Araújo, M. F. (2005). Diferença e igualdade nas relações de gênero: Revisitando o debate. *Psicologia Clínica*, 17(2), 41-52. doi: 10.1590/S0103-56652005000200004.
- Arent, M. (2009). (In)fidelidade feminina: Entre a fantasia e a realidade. *Psicologia Clínica*, 21, 153-167. doi: 10.1590/S0103-56652009000100011.
- Baucom, D. H. (2001). Religion and the science of relationships: Is a happy marriage possible? *Journal of Family Psychology*, 15, 4, 652-656. doi: 10.1037/0893-3200.15.4.652
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bourdieu, P. (2007). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2012). *Resolução nº 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde*. Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado em 08 de junho de 2018, de http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/arquivos/resolucoes/23_out-versao_final_196_ENCEP2012.pdf
- Castells, M. (1998). *The information age: Economy, society and culture*. Cornwall: Blackwell Publishers.
- Castells, M. (2000). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Costa, C. B. D., & Cenci, C, M, B. (2014). A relação conjugal diante da infidelidade: A perspectiva do homem infiel. *Pensando Famílias*, 18, 19-34.
- Costa, N. (2005). Contribuições da psicologia evolutiva e da análise do comportamento acerca do ciúme. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 7, 5-14
- Costa, R., Silveira, C. M., & Madeira, M. Z. (2012). Relações de gênero e poder: Tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina. In *17º Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero* (pp. 222-240). João Pessoa, Paraíba.

- Duarte, J. P., & Rocha-Coutinho, M. L. (2011). Namorido: Uma forma contemporânea de conjugalidade? *Psicologia Clínica*, 23(2), 117-135. doi: 10.1590/S0103-56652011000200008.
- Falcke, D., Diehl, J. A., & Wagner, A. (2002). Satisfação conjugal na atualidade. In A. Wagner (Org.), *A família em cena: Tramas, dramas e transformações* (pp. 172-188). Petrópolis: Vozes.
- Fischer, R. M. B. (2001). Mídia e educação da mulher: Uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV. *Revista Estudos Feministas*, 9(2), 586-599. doi: doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200015.
- Giddens, A. (1997). *Modernidade e identidade pessoal*. Oeiras: Celta Editora.
- Godelier, M. (1982) *La production des Grands Hommes*. Paris: Fayard, 1982. [réédition en 1996].
- Goldenberg, M. (2006). *Infidel: Notas de uma antropóloga*. Rio de Janeiro: Record.
- Haack, K. R., & Falcke, D. (2013). Infidelid@de.com: Infidelidade em relacionamentos amorosos mediados e não mediados pela Internet. *Psicologia em Revista*, 19(2), 305-327. doi: 10.5752/P.1678-9563.2013v19n2p305
- Hollis, J. (2006). *Os pantanais da alma: Nova vida em lugares sombrios*. São Paulo: Paulus.
- Lago, M. C. S., Toneli, M. J. F., Beiras, A., Vavassori, M. B., & Müller, R. C. F. (2008). *Gênero e pesquisa em psicologia social*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lima, E. F. M., & Rodrigues, K. F. (2014). Amor, uma análise crítico-conceitual: Mitos, crises, ambivalências e sentidos. *Revista Diálogos*, 11, 41-72. Recuperado em 08 de junho de 2018, de http://www.revistadiálogos.com.br/Dialogos_11/pdf/amor_critica_conceitual.pdf
- Machado, L. Z. (2000). Perspectivas em confronto: Relações de gênero ou patriarcado contemporâneo? In *Simpósio Relações de Gênero ou Patriarcado Contemporâneo da 52ª*

- Reunião Brasileira para o Progresso da Ciência da Sociedade Brasileira de Sociologia* (pp. 1-20). Distrito Federal, Brasília.
- Masten, A. S. (2001). Ordinary magic: Resilience processes in development. *American Psychologist*, 56(3), 227-238. doi: 10.1037/0003-066X.56.3.227
- Millet, K. (1970). *Sexual politics*. New York: Doubleday & Company.
- Norgren, M. D. B. P., Souza, R. M. D., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: Uma construção possível. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), 575-584. doi: 10.1590/S1413-294X2004000300020
- Oliveira, S. L. (2002). *Metodologia científica aplicada ao Direito*. São Paulo: Thomson.
- Ribeiro, K. P. (2010). *A visão de relacionamento afetivo e conjugalidade em mulheres separadas de diferentes gerações* (Dissertação de mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Santos, L. R., & Cerqueira-Santos, E. (2016). Infidelidade: Uma revisão integrativa de publicações nacionais. *Pensando Famílias*, 20(2), 85-98. Recuperado em 01 de junho de 2018, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2016000200007&lng=pt&tlng=pt.
- Santos, S. M. M., & Oliveira, L. (2010). Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: Limites, contradições e avanços. *Revista Katálisis*, 13, 11-19. doi: 10.1590/S1414-49802010000100002
- Sawaia, B. B. (2014). Transformação social: Um objeto pertinente à Psicologia Social? *Psicologia & Sociedade*, 26(número especial), 4-17. doi: 10.1590/S0102-71822014000600002.
- Scott, Joan. (1995) Gênero; uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez.

- Serpa, M. G. (2010). Perspectivas sobre papéis de gênero masculino e feminino: Um relato de experiência com mães de meninas vitimizadas. *Psicologia & Sociedade*, 22, 14-22. doi: 10.1590/S0102-71822010000100003.
- Silva, S. G. (2010). Preconceito e discriminação: As bases da violência contra a mulher. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(3), 556-571. doi: 10.1590/S1414-98932010000300009
- Souza, P. M, Ros, M. A. (2006) Os motivos que mantêm as mulheres vitimas de violência no relacionamento violento. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFSC, n. 40, p. 509-527
- Sousa, D. L., Santos, R. B., & Almeida, T. (2009). Vivências da infidelidade conjugal feminina. *Pensando Famílias*, 13(2), 197-214.
- Sousa, F. K. M. (2017). *Narrativas sobre relacionamentos abusivos e mudanças de sensibilidades*. Recuperado em 08 de junho de 2018, de http://www.fespsp.org.br/seminarios/anaisVI/GT_13/Fernanda_Sousa_GT13.pdf
- Souza, S. D. (2008) A relação entre religião e gênero como um desafio para a sociologia da religião. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 6, n. 1, jan-jun
- Stoller, R. J. (1993). *Masculinidade e feminilidade: Apresentações de gênero*. Porto Alegre: Artmed.
- Wagner, A., & Mosmann, C. (2011). Educar para a conjugalidade: Que a vida não nos separe. In L. C. Osório & M. E. P. Valle (Org.), *Manual de terapia familiar* (pp. 261-270). Porto Alegre: Artmed.
- Zordan, E. P., & Strey, M. N. (2010). *A separação conjugal na contemporaneidade: Motivos, circunstâncias e contextos* (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Zordan, E. P., & Strey, M. N. (2011). Separação conjugal: Aspectos implicados nessa decisão, reverberação e projetos futuros. *Pensando Famílias*, 15(2), 71-88.

Considerações Finais

Este estudo se deteve a pesquisar o fenômeno da infidelidade conjugal no contexto contemporâneo. Partiu-se da ideia de que para se ter uma maior noção a respeito do tema, seria necessário conhecer e compreender como o mesmo já vem sendo debatido no meio acadêmico. Dessa forma, realizou-se um estudo buscando analisar inicialmente de que forma o mesmo vem sendo investigado no cenário científico nacional, neste caso a partir de uma revisão integrativa da literatura. Este estudo caracterizou o passo inicial desta dissertação, serviu ainda como verdadeiro ponto norteador no que tange ao desenvolvimento dos estudos subsequentes.

A partir dos resultados obtidos na revisão, foi possível observar que os artigos encontrados envolvem questões e percorrem vieses bastante diferenciados. A maioria aborda sobre a questão da infidelidade em face de algum outro fenômeno ou conceito; internet, ciúmes, práticas de *swing*, HIV/AIDS, violência doméstica, arte. Logo, foi evidenciada a necessidade de novos estudos referentes ao tema, mas que estes levassem em consideração muito mais as questões de gênero, como também lançando um olhar perante as particularidades do contexto da sociedade atual, onde o feminismo e as questões culturais têm sido tão discutidos.

Assim, a partir do que se pode apreender do levantamento inicial acerca das publicações nacionais, os estudos seguintes seguiram dois delineamentos metodológicos, o quantitativo, a partir de uma *survey online* e de instrumentos como escalas e inventário, além do qualitativo, com a realização de entrevistas semidirigidas com sujeitos que haviam vivenciado a questão da infidelidade em seus relacionamentos. Sendo que, a partir de tais análises foi possível constatar que a infidelidade conjugal ainda que pesquisada no meio acadêmico, percebida socialmente nos cotidianos e grupos, ainda se observa a existência de um olhar negativo diante do fenômeno e do sujeito que o vivencia. Mesmo diante de muitas

mudanças na sociedade e nos papéis sociais, o julgamento social persiste, mas observa-se que contrariamente ao que seria esperado diante disso, a prática do fenômeno segue ocorrendo simultaneamente.

O que estaria por trás disso foi o questionamento norteador diante de todo o estudo, ao mesmo tempo que o cuidado para que as buscas por tais respostas não caíssem no risco de se buscar preditivos ou possíveis causas que levassem a diminuição da multiplicidade do fenômeno analisado. A gama de fatores e questões envolvidas sempre foi considerada, tanto neste estudo quanto por outros autores que também se enveredam nos estudos e questões do tema, o que possivelmente justifique a maioria dos artigos nacionais encontrados no levantamento bibliográfico realizado inicialmente que sempre associavam e analisavam o comportamento infiel mediante algum outro fenômeno.

Alguns pontos mereceram maior destaque dentro das análises realizadas neste estudo, como o que se pôde absorver a partir de correlações. A exemplo de que as pessoas que estão mais insatisfeitas, sexual e conjugalmente em seus relacionamentos, e apresentam menos habilidades socioconjugais nos mesmos estariam mais predispostas a ser infiéis. Além disso, geralmente essas pessoas também apresentam mais atitudes positivas em relação à infidelidade ou a ideia de serem infiéis, enquanto as pessoas que se mostraram mais negativas à infidelidade têm menos chance de se envolver em um caso extraconjugal justamente por esse posicionamento. No entanto, o fenômeno também é vivenciado por pessoas que se encontram bem em suas relações, satisfeitas e sem desejar primordialmente um envolvimento com uma nova ou terceira pessoa.

Quanto a isso, foi possível perceber a relevância da questão do contexto atual no desenvolvimento do fenômeno de muitas formas. A sociedade atual em toda a sua plasticidade e liquidez, como postulado por Bauman (2004), abarca também os relacionamentos de forma que as pessoas se encontram diante de uma fragilidade dos vínculos

cada vez mais percebida e impactante. Negar esse panorama é fechar os olhos para importantes fatores, para novas realidades que levam ao avanço das tecnologias e do âmbito virtual, assim como sua influência nos relacionamentos e nas formas de se relacionar. Com a facilidade com que o sexo consegue figurar e perpetrar em tais meios de comunicação e aplicativos, o mesmo se tornou simplificado em muitos sentidos. O âmbito do segredo que tais redes também favorecem não deixa de contribuir e influenciar, visto que a possibilidade de se iniciar uma relação e pôr um ponto final na mesma num “clique” é sem dúvidas um divisor de águas nesse sentido.

Por fim, neste estudo, se fez um importante adendo no que se refere a questão da mudança de pensamento ligada à questão dos aspectos transgeracionais atrelados ao comportamento infiel. Em vários contextos a infidelidade foi muitas vezes encarada com grande normalidade e aceitabilidade, como se fosse algo com que as pessoas, principalmente as mulheres, devessem aceitar. Filhos cresceram vendo seus pais e avós, vizinhos e conhecidos vivenciando situações de infidelidade em seus relacionamentos e o caráter transgeracional sendo plenamente observável. No entanto, no contexto atual o que se tem percebido é que cada vez mais o questionamento e a reflexão diante do comportamento infiel tem sido considerado. Antes a mulher era obrigada a permanecer na relação, ainda que seu parceiro fosse infiel, mas o que se tem observado hoje é que isso tem mudado. Fatores como a independência da mulher, sua inserção no mercado de trabalho e mudanças nos papéis sociais favoreceram tais mudanças de perspectiva.

Portanto, conclui-se que neste estudo não se buscou estabelecer vilões ou vítimas, julgamentos de certo ou errado diante do fenômeno da infidelidade, pois parte-se da premissa de que cada sujeito é livre para fazer as escolhas que lhes convier, que a responsabilidade é somente destes, estejam conscientes ou não das consequências e possíveis desdobramentos sobre tais escolhas. O intento aqui foi o de analisar de que forma um fenômeno tão antigo e

muitas vezes ainda mal julgado e interpretado não deixa de se fazer tão presente nos dias atuais e sem dar sinal algum de que deixará de ser vivenciado. Nesse sentido, não parece arriscado dizer que, enquanto houverem relacionamentos amorosos, a sombra da infidelidade estará sempre à espreita.

Referências

- Ahrndt, S. (2005). *Distress in response to infidelity: An examination of the evolutionary perspective* (Thesis Proposal). University of Wisconsin, Milwaukee.
- Almeida, T. (2007). Infidelidade heterossexual e relacionamentos amorosos contemporâneos. *Pensando Famílias*, 11(2), 49-56.
- Almeida, T. (2012). O ciúme romântico atua como uma profecia autorrealizadora da infidelidade amorosa? *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(4), 489-498. doi: 10.1590/S0103-166X2012000400004.
- Andrade, A. L., & Wachelke, J. (2011). The association of structural configurations of romantic relationships with beliefs about couple relationships: A social representation study. *Anales de Psicología*, 27, 834-842.
- Araújo. M. F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: Velhas e novas configurações. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 22(2), 70-77. doi: 10.1590/S1414-98932002000200009
- Arent, M. (2009). (In) fidelidade feminina: Entre a fantasia e a realidade. *Psicologia Clínica*, 21, 153-167. doi: 10.1590/S0103-56652009000100011.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Blow, A. J., & Hartnett, K. (2005). Infidelity in committed relationships I: A methodological review. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31(2), 183-216. doi: doi.org/10.1111/j.1752-0606.2005.tb01555.x

- Bruschini, C. (1993). Teoria crítica da família. In M. A. Azevedo & V. N. A. Guerra (Org.), *Infância e violência doméstica: Fronteiras do conhecimento* (pp. 183-216). São Paulo: Cortez.
- Cassepp-Borges, V. (2010). *Amor e construtos relacionados: Evidências de validade de instrumentos de medida no Brasil* (Tese de doutorado não publicada). Universidade de Brasília, Brasília.
- Trindade, R. F. C. D., Almeida, A. M. D., & Rozendo, C. A. (2008). Infidelidade masculina e violência doméstica: Vivência de um grupo de mulheres. *Ciencia y Enfermeria*, 14(2), 39-46. doi: 10.4067/S0717-95532008000200006.
- Cunha, E. L. (2004). *O adultério em dez lições*. São Paulo: Editora Planeta.
- Donnamaria, C. P., & Terzis, A. (2009). Sobre a evolução de vínculos conjugais originados na Internet. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(3), 75-86.
- Drigotas, S., & Barta, W. (2001). The cheating heart: Scientific explorations of infidelity. *Current Directions in Psychological Science*, 10(5), 177-180. doi: 10.1111/1467-8721.00143
- Duarte, J. P., & Rocha-Coutinho, M. L. (2011). Namorado: Uma forma contemporânea de conjugalidade? *Psicologia Clínica*, 23(2), 117-135. doi: 10.1590/S0103-56652011000200008.
- Engels, F. (1982). *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Falcke, D. (2003). *Águas passadas não movem moinhos? As experiências da família de origem como preditoras da qualidade do relacionamento conjugal* (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: O difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394. doi: 10.1590/S0102-79721998000200014.
- Féres-Carneiro, T., Ziviani, C., & Magalhães, A. S. (2011). Arranjos amorosos contemporâneos: Sexualidade, fidelidade e dinheiro na vivência da conjugalidade. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Casal e família: Conjugalidade, parentalidade e psicoterapia* (pp. 43-59). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Freyre, G. (1990). *Sobrados e mucambos: Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp.
- Glass, S. P. (2002). Couple therapy after the trauma of infidelity. In A. S. Gurman & N. S. Jacobson (Org.), *Clinical handbook of couple therapy* (pp. 488-507). New York: Guilford.
- Goldenberg, M. (2011). *Por que homens e mulheres traem?* Rio de Janeiro: BestBolso.
- Graham, J. M., & Christiansen, K. (2009). The reliability of romantic love: A reliability generalization meta-analysis. *Personal Relationships*, 16, 49-66. doi: 10.1111/j.1475-6811.2009.01209.x
- Guareschi, P. A. (1996). Relações comunitárias-relações de dominação. In R. H. F. Campos (Org.), *Psicologia social comunitária- da solidariedade a autonomia* (pp. 81-99). Petrópolis: Vozes.
- Guedes, D., & Assunção, L. (2006). Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 6(2), 396-425.

- Levi-Strauss, C. (1968). *Les structures élémentaires de la parenté*. Paris, La Haye-Paris: Mouton.
- Luhman, N. (1991). *O amor como paixão: Para a codificação da intimidade*. Lisboa: Difel.
- Mendonça, L. M. (2009). *Infidelidade conjugal: Sob a ótica sistêmico-psicodramática*. Salvador: Bureau.
- Murstein, B. (1976). *Amor, sexo e casamento através dos tempos*. Rio de Janeiro: Arte Nova.
- Narvaz, M. (2005). *Submissão e resistência: Explodindo o discurso patriarcal da dominação feminina* (Dissertação de mestrado não publicada). Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Norgren, M. D. B. P., Souza, R. M. D., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: Uma construção possível. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), 575-584. doi: 10.1590/S1413-294X2004000300020
- Pieper, M., & Bauer, R. (2005). *Call for papers: International conference on polyamory and mono-normativity*. Hamburg: University of Hamburg.
- Pittman, F. (1994). *Mentiras privadas: A infidelidade e a traição da intimidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ribeiro, K. P. (2010). *A visão de relacionamento afetivo e conjugalidade em mulheres separadas de diferentes gerações* (Dissertação de mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Rubin, G. (1984). Thinking sex: Notes for a radical theory of the politics of sexuality. In C. S. Vance (Ed.), *Pleasure and danger: Exploring female sexuality* (pp. 267-319). London: Pandora.

- Santos, M. A. O. (2010). *A necessidade do homem relacionar-se ao longo da história*. Recuperado em 09 de junho de 2018, de <https://www.webartigos.com/artigos/a-necessidade-do-homem-relacionar-se-ao-longo-da-historia/54716/>
- Singly, F. (2000). O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In C. E. Peixoto, F. Singly, & V. Cicchelli (Org.), *Família e individualização* (pp. 13-19). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Villa, M. B., & Del Prette, Z. A. P. (2012). *Inventário de habilidades sociais conjugais*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Zampieri, A. M. F. (2004). *Erotismo, sexualidade, casamento e infidelidade: Sexualidade conjugal e prevenção do HIV e da AIDS*. São Paulo: Ágora.

Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) e participar da pesquisa intitulada **Crenças e vivências da Infidelidade na Contemporaneidade** desenvolvida por Lais Rocha Santos, psicóloga e aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe- UFS. Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é realizar uma análise sobre como a questão da infidelidade conjugal tem sido percebida, pesquisada e vivenciada no mundo contemporâneo. Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevistas dirigidas, sendo que os participantes serão entrevistados respondendo oralmente as questões perguntadas e ligadas a temática, as entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e/ou seu orientador. Fui ainda informado(a) de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

São Cristóvão, ____ de _____ 2018

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Anexo B - Entrevista sobre relacionamento que continuou após traição

1. Conhecendo o entrevistado

Idade, cidade, profissão, religião, com quem reside, filhos, vida pessoal do entrevistado livremente.

2. Falando um pouco sobre relacionamentos

Relacionamentos anteriores, relacionamento atual, tempo de relacionamento, como se conheceram, contar histórias do começo, o que chamou atenção no parceiro, atração, aparência, admiração, apaixonamento, ciúmes e assédio (o que pensa).

3. Sobre o parceiro

Pessoa certa para você e para se relacionar? Relacionamento satisfatório, ama seu parceiro, o que mudaria no seu parceiro, tempo disponível para o relacionamento, questão da rotina, ideias e interesses em comum, atividades similares, interesses e expectativas para o futuro, questão do trabalho e profissional de ambos, conflitos.

4. Intimidade

Contato físico e prazer, satisfação sexual, iniciativa, situação de evitar o contato, diálogo na relação (conversam sobre tudo), tabu na relação, irritação na relação e no parceiro, o que mudaria, o que reprova, hábitos, o que mais admira na relação e nos outros casais

5. Refletindo sobre a infidelidade

O que considera uma infidelidade e o que pensa sobre ser infiel, conversa sobre isso com o parceiro, possíveis causas da infidelidade, conhece algum caso, como soube que foi traído, opinião sobre quem trai, possibilidade de perdão, questão da confiança, vontade de trair, julgamento alheio, crise na relação.

Anexo C - Entrevista sobre relacionamento que terminou após traição

1. Conhecendo o entrevistado

Idade, cidade, profissão, religião, com quem reside, filhos, vida pessoal do entrevistado livremente.

2. Falando um pouco sobre relacionamentos

Relacionamentos anteriores, tempo que permaneceram juntos, como se conheceram, contar histórias do começo, o que chamou atenção no parceiro, atração, aparência, admiração, apaixonamento, ciúmes e assédio, se está em um novo relacionamento falar sobre.

3. Sobre o parceiro (que traiu)

Pessoa certa para você e para se relacionar, relacionamento satisfatório, amava seu parceiro, o que não gostava e mudaria no seu parceiro, o tempo disponível para o relacionamento, questão da rotina, ideias e interesses em comum, atividades similares, interesses e expectativas para o futuro, questão do trabalho e profissional de ambos, conflitos.

4. Intimidade (com o ex)

Contato físico e prazer, satisfação sexual, iniciativa, situação de evitar o contato, conversavam sobre tudo, havia tabu na relação, irritação na relação e no parceiro, o que mudaria, o que reprovava, hábitos, o que mais admirava na relação e nos outros casais

5. Refletindo sobre a infidelidade

O que considera uma infidelidade e o que pensa sobre ser infiel, conversava sobre isso, possíveis causas da infidelidade, conhece outros casos, como soube que foi traído, opinião sobre quem trai, possibilidade de perdão, questão da confiança, vontade de trair, julgamento alheio, crise na relação, sentimentos envolvidos, como veio a decisão de terminar, como prosseguir, fontes de apoio, ajuda.

Anexo D - Questionário Sociodemográfico

Idade: _____ Anos

Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino

Estado Civil: ☐ Solteiro ☐ Casado / Convivente ☐ Separado / Divorciado ☐ Viúvo

Tempo de relacionamento: _____

Religião (ponha um zero se não tem): _____

Escolaridade: _____

Profissão: _____

Renda: _____

Você tem algum familiar ou amigo íntimo que trai atualmente? ☐ Sim ☐ Não

Você tem algum familiar ou amigo que é traído atualmente? ☐ Sim ☐ Não

Você alguma vez já sentiu vontade de trair seu (sua) parceiro (a)? ☐ Sim ☐ Não

Você alguma vez já traiu seu (sua) parceiro (a)? ☐ Sim ☐ Não

Você pensa que poderia trair seu (sua) parceiro (a)? ☐ Sim ☐ Não

Já foi traído (a)? ☐ Sim ☐ Não

Anexo E – Escala de Relacionamento Conjugal

Pensando no seu relacionamento **atual** com seu/sua esposo(a)/companheiro(a), responda as próximas questões. Leia cada afirmativa cuidadosamente e decida pela resposta que melhor descreve como você se sente em seu relacionamento conjugal. Marque com um X a resposta correspondente.

ITEM	Discordo fortemente	Discordo	Concordo	Concordo fortemente
1. Meu/minha companheiro/a geralmente sabe das minhas necessidades e é sensível a elas.	1	2	3	4
2. Eu realmente aprecio o senso de humor do/a meu/minha companheiro/a.	1	2	3	4
3. Meu/minha companheiro/a parece não querer mais me ouvir.	1	2	3	4
4. Meu/minha companheiro/a nunca foi desleal comigo.	1	2	3	4
5. Eu estaria disposto/a a deixar meus amigos se isso fosse salvar nosso relacionamento.	1	2	3	4
6. Eu estou insatisfeito/a com nosso relacionamento.	1	2	3	4
7. Eu gostaria que meu/minha companheiro/a não fosse tão preguiçoso/a e não adiasse as coisas que tem que fazer.	1	2	3	4
8. Às vezes, eu me sinto sozinho/a mesmo quando eu estou com meu/minha companheiro/a.	1	2	3	4
9. Se meu/minha companheiro/a me deixasse, eu não teria mais vontade de viver.	1	2	3	4
10. Somos capazes de concluir uma discussão respeitando nossas diferenças de opinião.	1	2	3	4
11. É inútil prosseguir com um casamento além de um certo ponto.	1	2	3	4
12. Nós dois/duas parecemos gostar das mesmas coisas.	1	2	3	4
13. Eu acho difícil mostrar para meu/minha companheiro/a que eu estou querendo carinho.	1	2	3	4
14. Eu nunca coloco em dúvida nosso relacionamento.	1	2	3	4
15. Eu me satisfaço só em sentar e conversar com meu/minha companheiro/a.	1	2	3	4
16. Eu acho a ideia de passar o resto da minha vida com meu/minha companheiro/a um tanto chata.	1	2	3	4
17. Sempre existe muita troca em nosso relacionamento.	1	2	3	4
18. Nós nos tornamos competitivos/as quando temos que tomar decisões.	1	2	3	4
19. Eu sinto que realmente não posso mais confiar no/na meu/minha companheiro/a.	1	2	3	4
20. Nosso relacionamento ainda é cheio de alegria e divertimento.	1	2	3	4
21. Um de nós está continuamente falando e o outro/a está geralmente quieto/a.	1	2	3	4
22. Nosso relacionamento está em constante evolução.	1	2	3	4
23. Casamento tem realmente mais a ver com segurança e dinheiro do que com amor.	1	2	3	4
24. Eu gostaria que existisse mais carinho e afeto entre nós.	1	2	3	4
25. Eu sou totalmente dedicado/a ao relacionamento com o/a meu/minha companheiro/a.	1	2	3	4
26. Às vezes, nosso relacionamento é tenso porque meu/minha companheiro/a está sempre me corrigindo.	1	2	3	4
27. Eu suspeito que nós podemos estar à beira da separação.	1	2	3	4
28. Nós sempre conseguimos fazer as pazes rapidamente depois de uma discussão.	1	2	3	4

Anexo F - Escala de atitudes em relação à infidelidade

A infidelidade pode ser definida como uma pessoa sendo infiel comprometida em um relacionamento monogâmico. O objetivo desta escala é obter uma melhor compreensão do que as pessoas pensam e sentem sobre questões associadas com a infidelidade. Não há respostas certas ou erradas a nenhuma dessas afirmações; estamos interessados em suas reações e opiniões honestas. Leia cuidadosamente cada afirmação e responda usando a seguinte escala:

1	2	3	4	5	6	7
Discorda						Concorda
Fortemente						Fortemente

- _____ 1. Ser infiel nunca machuca ninguém.
- _____ 2. A infidelidade em um relacionamento conjugal é motivo de divórcio.
- _____ 3. A infidelidade é aceitável para retaliação da infidelidade.
- _____ 4. É natural que as pessoas sejam infiéis.
- _____ 5. O comportamento online / internet (por exemplo: salas de bate-papo de sexo, sites pornográficos) é um ato de infidelidade.
- _____ 6. A infidelidade é moralmente errada em todas as circunstâncias, independentemente da situação.
- _____ 7. Ser infiel em um relacionamento é uma das coisas mais desonrosas que uma pessoa pode fazer.
- _____ 8. A infidelidade é inaceitável sob quaisquer circunstâncias se o casal é casado.
- _____ 9. Eu não me importaria se meu parceiro tivesse um caso, contanto que eu não soubesse disso.
- _____ 10. Seria aceitável para mim ter um caso, mas não para o meu parceiro.
- _____ 11. Eu teria um caso se eu soubesse que meu parceiro nunca descobriria.
- _____ 12. Se eu soubesse que meu parceiro tivesse sido infiel, eu o confrontaria.

Pontuação

Anexo G – Escala de satisfação sexual

Marque qualquer número que represente a sua opinião sobre as seguintes questões: (sendo 1-pouco e 6- Muito)

Satisfação com a vida sexual	Pouco			Médio	Muito		
O quanto me sinto satisfeito (a) com minha vida sexual?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto a minha frequência de atividade sexual me satisfaz?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto atingir o orgasmo me satisfaz sexualmente?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto me sentir amado (a) na relação me satisfaz sexualmente?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto as práticas sexuais que antecedem o ato sexual me satisfazem?	0	1	2	3	4	5	6

Anexo H - Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC)

Nome: _____

Data: _____

Responda cada uma dos itens abaixo, fazendo um X no quadrinho que melhor indica a frequência com que você apresenta o comportamento sublinhado em cada item, considerando um total de 10 vezes em que poderia se encontrar na situação descrita no item.

- A – NUNCA OU RARAMENTE (em 10 situações desse tipo, reajo assim no máximo 1 vez)
B – COM POUCA FREQUÊNCIA (em 10 situações desse tipo, reajo assim 2 a 3 vezes)
C – COM FREQUÊNCIA REGULAR (em 10 situações desse tipo, reajo assim 4 a 6 vezes)
D – MUITO FREQUENTEMENTE (em 10 situações desse tipo, reajo assim 7 a 8 vezes)
E – SEMPRE OU QUASE SEMPRE (em 10 situações desse tipo, reajo assim 9 a 10 vezes)

- 1) No dia a dia, converso naturalmente sobre qualquer assunto com o meu cônjuge.
- 2) Quando meu cônjuge insiste em dizer o que devo fazer, mesmo contrariando o que eu penso, acabo aceitando para evitar problemas.
- 3) Quando meu cônjuge está me falando algo importante para ele(a), ouço(a) com toda a atenção.
- 4) Ao ser elogiado sinceramente por meu cônjuge, respondo-lhe agradecendo.
- 5) Em uma conversa, se meu cônjuge me interrompe, peço-lhe que espere até eu terminar o que eu estava dizendo.
- 6) Quando meu cônjuge deixa de cumprir algum de nossos acordos, dou um jeito de lembrá-lo.
- 7) Sinto dificuldades em expressar sentimentos de carinho através de palavras ou gestos a meu cônjuge.
- 8) Se cometi alguma falha com meu cônjuge, procuro pedir-lhe desculpas.
- 9) Durante uma discussão, ao perceber que estou descontrolado(a) emocionalmente (nervoso(a)), consigo me acalmar antes de continuar a discussão.
- 10) Sinto-me constrangido em pedir a meu cônjuge que não faça certas carícias que me incomodam.
- 11) Se estou querendo ter relação sexual com meu cônjuge, consigo tomar a iniciativa ou fazê-lo(a) perceber isto.
- 12) Se meu cônjuge me faz um elogio, fico encabulado(a), sem saber o que dizer.
- 13) Se não concordo com meu cônjuge, digo isto a ele(a).
- 14) Se não quero conversar com meu cônjuge sobre um assunto, tenho dificuldade de encerrar ou mudar o assunto, deixando que ele(a) o faça.
- 15) Se meu cônjuge fala de alguma forma alterada comigo, espero que ele(a) termine o que tem a dizer para depois dar a minha opinião.
- 16) Quando meu cônjuge me critica, reajo de forma agressiva.
- 17) Quando meu cônjuge pede que eu faça uma tarefa que é dele (a), consigo negar-me a fazê-la.
- 18) Sempre que preciso esclarecer algo com meu cônjuge, faço as perguntas que acho necessárias.
- 19) Se meu cônjuge faz algo que não gosto, tenho dificuldade em dizer isso a ele(a).
- 20) Quando temos problemas em comum para resolver, conseguimos conversar e chegar a um acordo sobre o que fazer.
- 21) Mesmo quando estou sobrecarregado(a) com várias tarefas, prefiro não pedir ajuda ao meu cônjuge.

- 22) Quando meu cônjuge consegue alguma coisa importante, pela qual se empenhou muito, eu o(a) elogio pelo sucesso.
- 23) Se não estou disposto(a) a ter relação sexual, acabo concordando para evitar que ele(a) fique irritado(a) ou magoado(a) comigo.
- 24) Se estou me sentindo bem (feliz), expesso isso para meu cônjuge.
- 25) Consigo “levar na esportiva” as brincadeiras do meu cônjuge a meu respeito.
- 26) Se meu cônjuge avalia de forma injusta meu desempenho em alguma atividade, evito discutir a sua avaliação.
- 27) Em situações de conflito de opiniões com meu cônjuge, consigo fazê-lo(a) compreender a minha posição.
- 28) Se meu cônjuge está sofrendo por algum problema, tenho dificuldade em fazer algo para demonstrar-lhe meu apoio.
- 29) Em meio a uma discussão, consigo perceber quando eu ou meu cônjuge estamos abalados (nervosos) e que é hora de encerrar a conversa.
- 30) Prefiro esconder a minha opinião a ferir os sentimentos do meu cônjuge, mesmo quando solicitado(a) a dizer o que penso.
- 31) Durante a relação sexual, consigo dizer a meu cônjuge quais carícias mais me agradam.
- 32) Quando meu cônjuge está chateado(a), consigo colocar-me no seu lugar e dizer que compreendo o que ele(a) está sentindo.